RB186,594

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

ALMANAK
DAS
MUSAS,
NOVA COLLEÇAÕ
DE POEZIAS.
OFFERECIDA
AO GENIO PORTUGUEZ.
PARTE IV.

LISBOA:
Na Offic. de JOAÕ ANTONIO DA SILVA,
Impreſſor de Sua Mageſtade,
ANNO M. DCC. XCIII.
Com licença da Real Meza da Commiſſaõ Geral ſobre o Exame, e Cenſura dos Livros.

Nem ſempre haõ de occupar ſerios cuidados
Da noſſa vida os dias preſſuroſos:
Hajaõ tambem prazeres miſturados.

AO MUITO ALTO,
E MUITO PODEROSO
SENHOR
D. JOAÕ
PRINCIPE DO BRAZIL
NOSSO SENHOR.
&c. &c. &c.

EIA, Principe Auguſto, ouviſte o canto
De alvos Ciſnes, q̃ o fulvo Téjo anninha;
Diverte hu‹ pouco o ſeu melifluo encanto
Ouvindo a rude vóz, a vós meſquinha
De ave atrevida, que alto vôo erguera
Do ninho Americano, onde naſcera:

Já de hum vôo feliz rapido, e forte
Paſſei a divizaõ deſte Orbe inteiro,
E encarando co‹ a fixa luz do Norte
Perdi de viſta o lucido cruzeiro;
Beijando a arèia para mim eſtranha
Honro a Corte, a que os pés o Téjo banha

Do aurifero Brazil o alegre Povo
Nuncio do ſeu prazer, ſua alegria
Por hum impulço deſuzado, e novo,
Magnanimo JOAÕ, ati me envia;
Trago verdades ſem enfeite, ou arte
Da ſingella do Mundo ultima parte.

A Fama que ora grita . ora murmura
E huãs vezes repete o já paſſado
Outras em ſons fatidicos augura
O cazo que ha de vir afortunado,
Leva ao teu fiel Povo alta noticia,
Tanto goſtoza quanto a nós propicia.

No romoto paiz da Zona ardente
Qual jubilo eſpalhou da Fama o brado?
Exultou de prazer a baça gente,
De quem, mais que temido és adorado:
Quanto he bella, Senhor, a ſingeleza
De amor leal na vóz da natureza!

Se á tua grande Mãi elle ſe humilha
No parabem da ſuſpirada Prole,
Deicha que á tua amavel Real Filha
Beijando a maõ Auguſta ſe conſole;
E por mim ſeu amor tudo lhe offreça
Quanto poſſue, e em ſeu terreno creſça.

A abobeda dos Ceos fendida , e rota
Pelos votos luſtrais que tem ſubido
Teu nome , e o da Auguſtiſſima CARLOTA
Inda aſſima das nuvens tem erguido ;
Nem falta quem por doce empreza tome
Fazer creſcer os troncos com teu nome.

Os deſmedidos volumozos troncos,
Eis que d'entre os ſeus boſques dezareiga,
E vai colher entre os ſeus matos broncos
Com pacifica face , branda , e meiga
Lenhos q̃ domem com teu nome os mares,
E aromas que perfumem teus altares.

Naõ he taõ rico aſſim da Aurora o berço ,
Azia hum tempo vaidoza , hoje lhe cede :
Quanto pelas tres partes tem diſperſo
A natureza junto lhe concede.
Já novo Salomaõ eu te contemplo ,
Eis as riquezas para o novo Templo

Se abrio para hum JOAÕ ſeu rico ſeio,
Se a cróa de oiro , e pedras lhe eſmaltara
Vale mais grande Principe ao que eu creio
O grato novo dom , que te prepara :
Offerta coraçoens , puros , conſtantes
Que valem mais q̃ o oiro , e q̃ os diamantes.

Tu

Tu verás eo's teus luzos de miſtura
A teu mando as Brazilicas phalanges,
Ou as precize a páz, ou guerra dura
Marchar aonde com teu nome abranges:
Nem teráõ as Naçoens prova primeira
Da Fé, da Lealdade Brazileira.

Mas eis que novamente o vôo eu tomo,
Sigo ſem tino a pública alegria;
Já deicho a terra, já ouzado aſſomo
Aonde o tempo os tempos principia.
Lizia meu vaticinio naõ deſprezes;
Ficai em páz ditozos Portuguezes,

Eu vejo para vós principiados
Seculos pelo Ceo abençoados.

Domingos Caldas Barboza.

CANTATA. *

AS bronzeas portas do bifrente Jano
Vejo, qu' horror! de par em par abertas!
Reinos talados, povoações desertas,
Rios de sangue humano!
A Guerra hostil, fremente
Desfez em mil pedaços
Os torcidos anneis da atroz corrente,
Que lhe rugia nos cruentos braços;
Intrepidas cohortes
Escolta armi-potente
D' Estragos, Sustos, Latrocinios, Mortes.
A bellica Discordia atraiçoada
A precede feróz de sanha armada,
Serpêa-lhe ao redor da triste frente
Azul viperia coma, que sibila,
Na esquerda lhe scintilla
Ceruleo facho ardente,
Com que devora o Mundo;
Desordens, Sedições, Furores, Damnos,
Incolas feros do Cocito immundo,

Assa-

* No fausto Nascimento da Serenissima Princeza da Beira a Senhora D. Maria Tereza Francisca de Assis &c. Recitada pelo A. a SS. AA. RR. no Paço de N. Senhora da Ajuda.

Aſſanha contra os miſeros Humanos;
Em quanto a ſeva Erimnis,
Chovendo raios, enea egide embraça,
E aos meſmos Ceos mil vezes ameaça.

ARIA.

Dos cavados rijos bronzes
O fatal rouco eſtampido
Nos profundos vales ſôa;
Com aſpecto enfurecido
Sobre nuvens d' atro fumo
A terrivel Morte vôa,
Naõ perdôa
Ao tremente frio Medo,
Nem ao bellico Valor.
Soltos rolaõ pelos campos
Aureos elmos emplumados
Abolados.
Triſtes ais no Ceo retumbaõ
De milhões d' infortunados,
Que por lei d' iniquos fados
Ferreo ſomno os olhos cerra.
Temeroza a Paz divina
Deixa a terra,
E da eſfera cryſtalina
Fito a fito olhando o mundo
Treme, eſfria de terror.
Mas que Deuza gentil de pó cuberta!
Com pallido ſemblante

Di-

Diviſo titubante
Aqui , e alli volvendo a viſta incerta !
A fronte encaſtelada enrama em torno
De louro , e de cypreſte ;
Cahida ſem adorno
A longa talar veſte
Em rôxo ſangue dos Mortais enſopa.
Que triſte ſcena ! es tu ſublime Europa !
Em que funeſto laſtimoſo eſtado
Te pôz teu duro fado !
Das regias filhas tuas prepotentes
Cidades florecentes ,
Que a teus peitos nutriſte desvelada
Te vejo rodeada ;
Qual ſacrilega empunha o mortal ferro
E as máos audaces contra os Ceos levanta ,
Qual ao crime decepa a vil garganta ,
Qual ergue altares ao punivel Erro .
Do barbaro Gradivo
Seguindo as rubras tremulas bandeiras
Ei-las ſurdas à vôz da humanidade :
Sem vida jazem legiões inteiras
Aos pés da Crueldade.
Mas qu' aſſombro , que rara maravilha !
Lizia , Lizia famoſa
Da rica Europa a mais brilhante filha ,
Entre a falange das Irmáns guerreira ,
A teſta mageſtoſa
Enrama de pacifica oliveira !
Em vez de horrendo alfange,ou dardo agudo

Arnez

Arnez pulido, triplicado escudo;
Recem-nascida lhe affortuna os braços
Huma gentil Princeza
Assombro da belleza,
Penhor seguro dos mais firmes laços.

Angelicas virtudes
O Olimpo despovôaõ,
E ao tenro peito voaõ
Da Infante regia Ninfa,
Do Luso Imperio esteio;
Ventura, que nos veio
Da mão celestial.
As Graças lhe bafejaõ
O rosto perigrino,
Outorga-lhe o Destino
Mil dotes sobre-humanos:
De Lizia, ao vêla fogem
Receos, Magoas, Damnos.
Ditosos Lusitanos
Ditoso Portugal.
Do intonso claro Cinthio esposa bella,
Caliope fecunda,
As causas me revêla
Do immenso gosto, que minha alma innunda.
Hoje me apresta a lira alti-cadente,
Que a rapida corrente
Do Strimon enfreava,
Que enternecia as feras,
E dos hombros do Rodope arrancava

As

As arvores procèras.
Eſcute cheo de ſuave eſpanto
O vaſto mundo meu ſonoro canto.
Sacro furor o coraçaõ me abrazas!
Que ſinto ó Ceos, a vós me titubêa!
Barendo as ígnias azas
Os ares ſulca minha vaga idea.
Do Futuro nublado
As portas de diamante arrombo ouzado.
De Carlota, e Joaõ por todo o templo
Meſſes, e meſſes d' Heroiſmos noto,
E dando ao mundo leis, regendo imperios
A filha auguſta lhe devizo ao lado
Num throno mageſtozo
Erecto, e ſuſtentado
Pelas máos da benefica Inteireza,
Do Merito ſublime,
Da ſolida rectiſſima Equidade,
Da candida Piedade.
As providas Sciencias,
As Artes afanozas.
Cingem-lhe a teſta com feſtoens de rozas.
Em vaõ tenta Belona deſpiedada,
Aº baſe do aureo ſolio
Com cem grilhoens atada,
No tenro heroico peito
Soprar-lhe a flama do furor mavorcio,
Quº a terna Humanidade, a ſáa Prudencia
Mil vezes lhe demoſtraõ
Quaõ breve ſe murcharaõ

Os

Os louros qu' adornaraõ
Semirames , Harpalices , Zenobias ,
Pantezileas , Cleopatras , Camillas ,
Suſto , e gloria de Marte ſanguinozo.
Em tanto o voras Tempo jubilozo ,
Humilde , e reverente
Aos pés lhe proſtra a fouce reluzente ,
E ſobre a terra das prizoens de flores
Os aureos dias de Saturno ſolta.
Temis do Olimpo volta ,
E a prodiga Abundancia
No centro do Univerſo
Entorna , exaure , ſeu florido cofre.
Deſpenhaõ-ſe de chofre
A Penuria , o Dezaſtre , o Crime adverſo
No Bàratro horrorozo.
Uliſſéa feliz qu' em teu regaço
O germen viſte pullular viçozo ,
Que ſobre as nuvens erguerá ſeus ramos ,
Exulta , exulta , qu' Adonai piedozo ,
A quem mil graças damos ,
Ouve teus rogos , e teus rogos cumpre ;
Já mais temas qu' a funebre Deſgraça
De ver qu' arraſtras ſeus grilhoens ſe ria,
Nem qu' o Diſturbio victima te faça
De ſua tirania ,
Que a nova Heroina , de teus votos preço,
Te eſquiva , e rouba a quantos infortunios
Poſſa urdir em teu damno a injuſta ſorte :
E erguendo a fama tua

Sobre

Sobre as ethereas regioens ſerenas
Reune em ti, no templo da Memoria,
De Sparta, Roma, Athenas
O faſto, o brilho, a prepotencia, a gloria.

ARIA.

O mundo aſſola
Enio ferina,
Proſtra, fulmina,
A gente humana.
Só Lizia ufana
Dos Ceos mimoza
Os fructos goza
Da meiga paz.
A nova eſtrella,
Qu' em ſeu oriente
Naſce, e fulgura,
Mil bens lhe augura.
Eia louvemos,
Luzos famozos,
Quem taõ ditozos
Hoje nos faz.

Por Belchior Manoel Curvo Semmedo Torres de Siqueira, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade. Entre os Arcades Belmiro Tranſtag.

AOS

AOS ANNOS DE LAURA.

CANTATA.

COmo rizonha vem abrindo a Aurora
As portas d' ouro do rozado oriente
Ao Nume intonſo da voluvel Delos?
Ornando os quadros que veceja Flora
D' aljofar tranſparente
Pranto ſaudozo de ſeus olhos bellos.
De rozas coroado,
No aureo punicio coche refulgente,
Do Hydaſpe ſurge mageſtozo o Dia,
Vibrando accelerado
Brilhantes ſetas de naſcentes luzes
Contra a eſtelante fugetiva Noite,
Qu' ás Sciticas montanhas
Os nocturnos frizoens medroza guia.
Vencidos, e aterrados
O etereo campo ſedem
De informes ſombras eſquadroens ſerrados;
Em quanto Febe deſmaiada, e frouxa
A eſfera, azul, e rouxa
A paſſo, e paſſo temoroza deixa.
As frias Auras ſuſſurando acordam
Por entre as folhas da nutante ſelva,
E os Zefiros brincoens pregandó as azas
Rólaõ por ſima da orvalhada relva.
A par tranſmontaõ do Silencio triſte

Os

Os leves Somnos em confuzo bando,
Os braços a miudo eſpreguiçando.

ARIA.

Entre juncos, e eſpadanas
Com ſonoro murmurio
Erra o claro manſo rio
Mais que nunca ufano, e ledo;
Pelos ramos do arvoredo
Pendurados
Os aligeros cantores,
Em melificos trinados
Cantaõ, louvaõ ſeus amores,
Com mais pompa as tenras flores
Hoje ao vento aromas daõ.
Os ſeus dons benigna entorna
A florida Primavera;
Novo brilho inunda a eſfera;
Nova galla o campo adorna.
Hum prazer geral reſpira
A profuza Natureza;
Nem anciozo já ſuſpira
Entre as ſerpes da triſteza
Meu ſenſivel coraçaõ.
Suave objecto de meus ais ſaudozos
Laura, meu doce bem, Nume adorado,
Dos annos teus ditozos
He eſte o dia, o dia ſuſpirado,
O dia que me trouxe

O Bem mais puro, que dar póde o fado.
Os Entes sobre-humanos
Que teu brilhante espirito fizeraõ,
Que prodigos e ufanos
Tantas, e tantas perfeiçoens te deraõ,
D'um grato coraçaõ naõ me eximiraõ
Capaz de conhecer teus dons supremos
Digno de ter amor, digno de amar-te.
Que a cerba, odioza, e triste,
O' Ninfa encantadora,
A propria vida para mim naõ fora
Se o Deos terrivel, que na dextra açama
O raio furibundo,
Com teus encantos naõ dotasse o mundo.
D' Eôo o fulgidissimo luzeiro,
Que innunda o Orbe inteiro
De placida alegria,
Que tristeza, que horror me infunderia
A faltarem na terra esses dois astros,
Que em teu gentil semblante
A magoa de existir tanto me adoçaõ
Esses dois astros de benigno influxo
Onde a pureza, a graça resplandessem,
De meus destinos arbitros piedozos.
Que importa qu' a Desgraça
Contra minha alma sem sessar fulmine,
Que mil saudades, mil funestos sustos
Em torno nlulem de meu peito amante
Se apenas chega o venturozo instante
De ver teus olhos, tua imagem bella,

A horriſona procella
De meus crueis pezares
Foge qual foge o diſgregado armento
Do lobo truculento :
Porém quanto he cuſtoza eſta ventura
Ao teu fiel Belmiro !
Brutais Hircanios Monſtros ,
Que o placido alvedrio te ſobpeam ,
De mim te apartaõ , Ceos ! como ſe eu fora
Torvo Leaõ feroz , quᵉ acezo , e bravo
Teus brandos membros laſcerar quizeſſe.
Ardes por mim , por mim terna ſuſpiras ,
Conſtante amor , conſtante fé me guardas ,
Eis a culpa fatal porque te arrojaõ
Ao negro abiſmo do cruel diſgoſto ,
Sem que lhes mova o coraçaõ ferrenho
O triſte pranto , que te aljofra o roſto
Capaz de enternecer Marpezias rochas.
Mas ah ! que parte nos teus damnos tenho !
Quantos quantos Pezares naõ faſcinaõ
Meu peito onde germinaõ
Viçozas permanentes eſperanças ,
Quando junto dos Argos , que te obſervaõ
Hum teu furtivo olhar me denuncia
As duras magoas , que por mim ſoportas.
Se á falſa Hipocreſia
Rendeſſes vivos cultos ,
Talvez quᵉ infauſta victima naõ foſſes
De tantas afflicçoens tantos inſultos ;
Mas tu deteſtas o punivel Dolo

Pizas do cego Fanatiſmo o collo,
Naõ daz incenſos a profanas aras,
Sabes qu' ao Ceo nenhum vivente illude,
E crimes naõ maſcàras
C'os trajos da virtude.
Eis porque chovem ſobre ti do Olimpo
D' immenſas graças perennais diluvios,
Eis porque os ferros, que vaidozo arrojo
Nunca os eſtragos ſofreraõ do Tempo.
Ah! quem pudera neſte amavel dia
Innùmeros thezouros tributar-te,
Quem mil auguſtos Scetros
Tivera, qu' offertar-te:
Porém teu genio raro
Mundanos bens deſpreza:
As cem famintas negras fauces truncas
Da ſordida Avareza;
Mais a ternura de minha alma eſtimas
Que o mando, e qu' a riqueza.
E devo acazo deſiſtir de amarte?
Quebrar os puros vòtos,
Que ſobre as niveas mãos te fiz mil vezes?
Naõ, naõ julgues em mim tanta impiedade,
De ingrato a nodoa horrivel
Nem por momentos manchará meu nome.
Sou a teus dons ſenſivel,
E até qu' o triſte final termo aſſome
No egregio ſanto alcaçar da Firmeza
Veràs minha goſtoza liberdade
Nos firmes laços, de teus dotes preza.

ARIA.

ARIA.

Amores, e Graças,
Os ares povoaõ;
E alegres corôaõ
De fulgida gloria,
No templo brilhante
Da eterna Memoria,
O nitido Inſtante,
Que vio com váa-gloria
Ao bem qu' idolatro
No mundo naſcer.
Ah! ſempre eu te veja
Dos Numens amado,
Momento dourado,
Sem que deſpiedozo
O riſpido fado
Te nuble, te affronte;
E Laura mimoza
Mil vezes te conte
A' ſombra ditoza
Do fauſto Prazer.

Belmiro Tranſtagano.

METAMORPHOSE.

O SUSPIRO.

DE quantos filhos a campeſtre Flora
Ouve do alado ſuſſurrante Zefiro,
Era Florino, o candido Florino
O mais brilhante, o mais gentil de todos.
Seus verdes olhos ao deſdem volvidos,
As rozeas faces, as madeixas d'ouro,
O lindo airozo talhe, as doces vozes,
De Amor nos ferros ſuſpirar faziaõ
De brandas Nimphas numerozas chuſmas:
Porém ſeu peito d'eſquivança armado
Mais do qu' os troncos, do qu' as penhas duro
Vivia illezo das idalias chamas.
Mil vezes, cheio de furor Cupido,
Tentou raſgar-lhe o coraçaõ vaidozo:
Porém mil vezes vio juncando a terra,
Das cruas frexas as partidas haſtes:
O Moço inerme de jactancia cheo
De ſeus triunfos blazonava altivo,
Em quanto o Nume proteſtava anciozo
Dar-lhe o caſtigo de ſoberba tanta.
Mas quaõ depreſſa a erratica Fortuna
Dezanda o giro da voluvel roda,
E os almos Deuzes a jactancia punem
Dos ſempre ignaros mizeros viventes!
Hum dia, a cazo, o riſpido Mancebo

Num

Nùm boſque entrava cujos freſcos ramos
Em arco entretecidos aſſombravaõ
O criſtal puro d'uma clara fonte,
Ali calmozo ſe deitava á ſombra
Contra o Vendádo projectando injurias:
Quando a formoza rùtila Dianna
Das caſtas Ninfas ſuas precedida
Tambem corria fatigada ao boſque,
E do ſitio formozo namorada,
N'um tronco pendurando as leves roupas,
As duras frexas, o temivel arco,
Junto da clara fonte ſe recoſta,
Ora chegando á boca as freſcas agoas,
Ora lavando os membros criſtalinos.
Por entre os ramos o vaidozo Joven
A Deuza vendo ſem qu' o viſſe a Deuza
De ver paſmava formozura tanta:
Porém Amor a quem das máos divinas
Já mais a leve Occaziaõ ſe eſcapa,
De vingar-ſe encontrando hora oportuna,
Em quanto mudo, abſorto, e deslumbrado
Ao triſte obſerva contemplando a Deuza,
Hum ferro empolga de abrazado gume,
E ſubtilmente o coraçaõ lhe fere.
O mago fogo, qu' o farpaõ trazia
Lhe foi calando brevemente as veias,
E o malfadado alheo de ſi proprio
Já treme, já delira, já ſoluça,
Já ſente amor, e amor bebe, e reſpira:
Ora intenta expreſſar ſeu puro affecto

Aᶜ doce cauza que prezente encontra;
Ora recea, que seus eccos tristes
O doce bem, que adora lhe afogentem,
Mas em quanto suspenso, e vacillante
Consigo altercа, anima-se, e desmaia.
Sedeudo Javalim no bosque assoma,
E a bella Deuza sobraçando as armas
Ante as mimozas Ninfas corre ao monstro,
E mais ligeira, que o ligeiro vento
Por entre as brenhas rapida se occulta.
„ Espera espera „ afflicto, e perturbado
Lhe clama o triste „ raro encanto espera „
Nisto se entranha pelas densas moitas
Buscando a Deuza quᶜ avistar naõ torna.
Já corre alpestres montes, fundos vales,
Grutas explora, matos envestiga
Já torce as máos aos Ceos pedindo amparo
Já contra os Ceos blasfema, e se enfurece,
Até quᶜ à sombra nᶜum formozo oiteiro
Encontra o louro guardador de Admeto.
Ali turbado, e louco lhe pergunta
Se a bella Deuza vio, que sitio a esconde
Mil promessas lhe faz, e impaciente,
Aᶜ força intenta que lhe saiba della.
Ria-se Febo de loucura tanta,
E hum engano subtil na mente urdindo
Assim lhe falla „ Há pouco vi quem buscas
„ Huma Fera terrivel acossando,
„ Entrou por essa mais vezinha brenha,
„ Mas senaõ me illudio torna aqui logo.

Naõ

Naõ quiz o triſte moço ouvir mais nada ;
Do monte á brenha mencionada corre
Em buſca do ſeu lindo amado objecto.
Febo entretanto por zombar do triſte ,
Faz qu' hum longevo gadelhudo Fauno
De pés caprinos , ponte-aguda orelha ,
Tome a figura da gentil Diana ;
Arco lhe empreſta , aljava , paſſadores ,
E huma chuſma de Satiros matreiros
Tambem mudados em formozas Ninfas
Lhe arranja em torno , impondo-lhes ſilencio.
Pouco tarda o Mancebo , que naõ volte
Do ſirio que anhelante em vaõ buſcára ,
E apenas chega ao ſuſpirado oiteiro ,
Qual foi o ſeu prazer , qual ſeu eſpanto
Ao ver a imagem do fingido objecto.
Eis ſe lhe proſtra aos pés , eis lhos abraça ,
Eis lhe pede qu' atente em ſeus pezares ,
Ora humilde lhe clama , ora raivozo ;
Soberbo , e vaõ de ſi mil couzas conta ,
Diz qu' he prole de Numes ſobre-humanos ,
E mais digno de affecto , e de ternura
Que o dormente Paſtor da latmia rocha ;
Mas vendo que ſeus eccos laſtimozos
Compaſſiva reſpoſta naõ conſeguem
Cumprir intenta ſeu dezejo á força.
Levanta-ſe dos pés do ſurdo objecto ,
Lança-lhe os braços impaciente ao collo ,
E nos labios lhe imprime ardentes beijos ;
Mas Febo que naõ longe o cazo eſpreita.

A denſa treva da illuzaõ diſſipa;
E o pobre amante ſe deviza anciozo
Peito a peito c'o Satiro barbudo,
Cingindo-o ternamente com ſeus braços,
E beijando-lhe a immunda hircoza boca.
Os outros Faunos qu' ao redor jaziaõ
Mil apupos lhe daõ, mil ſurriadas,
E com terra lhe atiraõ vozeando.
Corrido, e envergonhado o louco Joven
Ardendo em raiva brama, e titubêa;
Cora-lhe o pejo o roſto, a furia os olhos;
Contra os Faunos remete que o toureaõ,
E vingar-ſe querendo furiozo
De quem taõ fero engano lhe traçara,
Hum luzente farpaõ do coldre tira,
E impavido ſe avança ao louro Nume,
Que ria ſem ſeſſar de ouvilo, e velo.
Tres vezes quer ferilo, mas tres vezes
Lhe furta o Deos o leve corpo ao golpe,
E em caſtigo de tanta, e tanta audacia
No peito hum ferreo paſſador lhe enſopa;
E ſobre a relva ſemimorto o deixa.
Hum Favonio que vira a ſcena infauſta
A' triſte Flora o triſte cazo intima;
A qual choroza, afflicta, e delirante;
Ao filho corre, deita-o no regaço
Beija-lhe o roſto, vezes mil o chama.
Mas o moço infeliz pondo-lhe os olhos
Só com ternos ſuſpiros lhe reſponde,
E entre ſeus braços eſpirar ſe deixa.

A triſte Deuza por mercê de Jove ;
Depois de acerbo copiozo pranto
O tenro filho em tenra flor converte ,
E por ſerem ſómente agros ſuſpiros
As finais expreçoens que lhe eſcutára
Para eterna memoria , o nome triſte
De ſuſpiro lhe dá que inda conſerva.
Mas he tal o ſeu duro iniquo fado ,
Que perdendo a gentil humana forma
A lembranſa cruel naõ perdeo nunca
De toda a ſcena infauſta de ſeus damnos.
Poriſſo a penas vê do acezo Febo
Os ignios raios, a brilhante face
Concebe n'alma tal horror , tal pejo ,
Que ſe eſconde , ſe fecha , e ſe comprime
No viçozo botaõ donde naſcera ;
E ſó quando na eſfera a noite aſſoma
Em buſca do ſeu bem , qu' inda idolatra
Desfexa as folhas , e o ſeu mimo oſtenta.

Belmiro Tranſtag.

NO

NO ANNEVERSARIO
DAS NUPCIAS
DOS ILLUSTRISSIMOS, E EXCELLENTISSIMOS
SENHORES
CONDES DE POMBEIRO.

SONETO.

„ DEixai os filtros, os farpoens ervados,
„ Respire o mundo em paz neste almo Dia,
„ Ledos Hymnos cantai, Amor dizia
A' linda tropa dos crueis Vendados.

„ Hoje faz annos, inclitos soldados,
„ Que á luz do sirio nupcial, qu' ardia,
„ Ezio prendemos, e a formoza ARMIA
„ Em doces ferros pelo Ceo dourados.

„ A prole destes conjuges ditozos
„ De Lizia honra será, do mundo espanto,
„ E a nós se devem bens taõ protentozos.

Calou-se Amor, e a alada chusma entanto
Leva ao templo da Gloria, os dois Espozos,
Nas puras azas d'um celeste canto.

Belmiro Transtag.

AOS FAUSTISSIMOS ANNOS
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
CONDE DE POMBEIRO
JOSE' DE VASCONCELOS,
E SOUZA.

SONETO.

NAõ decanto Senhor neſte almo dia
Tua alta Prole, teu natal florente,
Que he na ordem do mundo hum accidente
Naſcer de humilde, ou nobre Jerarchia.

A ſáa virtude, que teus paſſos guia
Te dá luſtre maior, mais permanente,
Que ſem eſte aurêo dom do Ceo clemente
He fumo, he ſombra, he nada, a fidalguia.

A mil Varões de ſangue altivo, e nobre
Inuteis ſempre aos mizeros humanos,
Sem faſto, e nome, fria pedra cobre.

Mas tu que abranges dotes ſobre-humanos
Valendo ao triſte, ſoccorrendo ao pobre,
Do Lethes ſalvas teus ditozos annos.

Belmiro Tranſtag.

AOS

AOS FAUSTOS ANNOS
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
CONDE DE BOMBEIRO.

SONETO.

AS altas longas azas facudindo
D' Aſtrêa o Templo auguſto demandava
O voráz Tempo, em cuja maõ brilhava,
Curvo ferro, que o ar vai devedindo.

Trocándo o torvo geſto, em geſto lindo,
Por terra pondo a fouce, que vibrava,
Já ante as Sacras Aras ſe proſtrava
Submiſſo taes palavras proferindo.

Pois quer Aſtrêa, que eſta fouce horrenda
De ſeus acerbos golpes indignados
A funeſta carreira em fim ſuſpenda.

Triunfe Vaſconcelos, pois os fados
Querem, que a ſua gloria hoje ſe eſtenda
Por fauſtos annos, annos dilatados.

Alcino Lisbonenſe.

SO-

SONETO.

A AMOR.

QUe ſeta he eſſa Amor qu' inda eſcorrendo
Trazes em roxo ſangue ? ſenaõ erro ,
Me parece que vi já eſſe ferro
Em mais valente maõ almas vencendo.

Pela ponta ſubtil , que lhe eſtou vendo ,
Imagens delle na memoria encerro ;
De o ter viſto as eſpecies naõ deſterro ,
Sómente eſtou no ſitio diſcorrendo.

Mas tu perdes a côr , tu ficas mudo !
Tu me eſcondes a farpa enſanguentada !
Já me lembra ſeu dono ; ah ! já ſei tudo.

Larga ladraõ a ſeta que he furtada ;
Bem conheço eſſe ferro ponte-agudo ,
Hé dos olhos gentiz da minha amada.

Por Francelio Vouguenſe.

SO-

SONETO. *

HUm pouco, hum pouco ó mar enfurecido
As crespas ondas serenai piedozo,
Deixai-me o gesto ir ver, meigo, e formozo;
De quem me tráz dᵉ Amor louco, e perdido.

Se ao malfadado nadador dᵉ Abido
Deste morte cruel no seio undozo,
Livrai deste destino hum desditozo
Tambem victima infausta de Cupido.

Deixai-me inda hoje ouvir meigos agrados
Da minha Inalia por quem choro auzente
Nestas areas, nestes descampados.

Mas ah! triste de mim! quᵉ o pranto ardente,
Que verto de meus olhos desgraçados
Mais vos altera a rapida corrente.

Belmiro Transtag.

* *Feito dᵉimprovizo pertendendo o A. vir da Trafaria para Lisboa estando o mar muito bravo.*

A' AMIZADE.

Muza inerte, e rasteira
Q' o louco amor, e seus triunfos cantas,
He hoje a vêz primeira
Q' acima das estrellas te levantas,
Naõ arda o santo fogo
Sempre em materias vans de rizo, e jogo.
A virtude sublime
Filha do Ceo, a candida amizade,
Que chama feio crime
Voltar a cara á pobre humanidade,
He quem hoje te inspira,
Quem te aprezenta a dezuzada Lyra.
Debalde, o negro fado,
Cubrio meus dias de fortuna escura;
Debalde tem jurado
Ser meu contrario até á sepultura;
Naõ dar-me valimento,
Deixar meu nome embaixo esquecimento.
De Solares antigos,
Nem thesouros herdei, nem váa grandeza:
No seio dos amigos
Me poz o Ceo mais solida riqueza:
Naõ teme duro fado
Quem mereceo fiel amigo ao lado:
Sobre inhospita praia
Lance o mar o navio destroncado,
No rolo d' agoa saia

O naufrago Piloto descôrado
Arêas naõ pizadas
Ensope o triste em lagrimas cansadas;
Se em taõ duro castigo
O Ceo por novo cazo naõ pensado
O encontrasse, e o amigo
Q' anda da chara Patria desterrado,
Chorara de alegria,
Feliz talvez chamasse o triste dia:
O escravo na corrente
Em mizero fuor banhado o rosto,
Encha de ouro luzente
A maõ cruel que os ferros lhe tem posto,
Do mineiro avarento
Q' tem no seu thesouro o seu tormento.
Albino impaciente
C'os olhos, e esperanças no Occeano
Veja vir do Oriente
A Nao com oiro, e com marfim Indiano;
Veja o Porto aferrado,
Chame-se embora bemaventurado.
Nada disto apeteço;
Sabem os Deozes, e por elles juro
Que os votos que lhe offreço
Nascidos vem de coraçaõ mais puro,
Que estes bens naõ invejo,
Que levanto a mais alto o meu dezejo;
Se nos serenos ares
Lhe vaõ suspiros meus d'alma mandados;
Se deixo seus altares

De minhas puras lagrimas banhados,
Se os commovo a piedade,
Meus votos saõ por ti, santa Amizade.
Dem-me fieis amigos
Moſtrem-ſe embora em tudo o mais irozos,
Do meio dos caſtigos
Lhes chamarei benignos, e piedozos.
Amigo verdadeiro,
Tu vales mais que o Univerſo inteiro.

IDYLIO.

MAl as nitidas Eſtrellas
A deſcorar começavaõ,
Inda diſtante os Etontes
Apôs da Aurora marchavaõ.

Quando já Theonio triſte,
Maldizendo o injuſto Fado,
Delirante conduzia
Para o monte o manſo gado.

Amava Marfida ingrata
O mal fadado Paſtor,
Ninguem havia taõ triſte
No vaſto Imperio de Amor.

De balde na amante pyra
Lança o fido coraçaõ,
Marfida o tira, e o conſome
Nas áras da ingratidaõ.

Nem ao menos o bem goza,
Que o mais infeliz alcança;
Os ſeus olhos nem ao longe
Viaõ raiar a Eſperança.

Paſſa o dia, chega a noite,
Foge a noite, torna o dia,
E o triſte arraſtando os ferros
Da cruel melancolia.

Luctando co' a fera dôr,
Que o fido peito lhe rala,
A vôz fólta de miſtura
Com os ternos ais que exhala.

Cáro rebanho, dizia,
Que vos deixe manda Amor,
Se quizereis ter ventura,
Procurai outro Paſtor.

Eu vos deixo, e vou buſcar
Doce fim á triſte vida,
Corro a abrazarme nos olhos
Da cruel impia Marfida.

Minha lyra que eſpalhára
Tanta gloria neſta Selva,
A cujo ſonoro accento
Deixaveis a branda relva;

Neſte tronco, que abrazado
Fôra por hum raio ardente,
Deixo expôſta ao bravo Vento,
De hum ſecco ramo pendente.

Faz toda a noſſa deſgraça
Do meu bem a crueldade,
Já mais ſeremos ditozos,
Marfida naõ tem piedade.

Diſſe, e a buſcar a ingrata
Sóbe o empinado monte,
Deſce delirante ao boſque,
Cruza o valle, corre á fonte.

Qual amante Borboleta,
Que buſcando a luz mais pura,
Vôa, gyra, e encontra a morte
Na meſma luz que procura.

Aſſim o infeliz Amante
Corre aos olhos do ſeu bem,
Buſca morrer abrazado
Nos raios do ſeu deſdem.

Em fim encontra a tyranna ;
Sentada a cruel eſtava
Junto de hum Freixo copado ,
Que o brilhante Sol dourava.

As Graças encantadoras
Feſtões de roſas teciaõ ,
Com que o peito lhe adornavaõ,
Com que a frente lhe cingiaõ.

As vareadas boninas ,
A fonte que murmurava ,
O canto dos Paſſarinhos ,
Doce amor tudo inſpirava.

Solicitos eſpalhavaõ
Os Zefiros brincadores ,
No ár ſuaves perfumes ,
Que haviaõ roubado ás flores.

Em tanto o miſero Amante
Entre huns ramos ſe ocultava ,
E o tormento que o devora
Em ſilencio ſoportava ,

Eis que huᶜ ſuſpiro innocente ,
Que do coraçaõ ſahio ,
Foi deſcubri-lo a tyranna ,
E o deſgraçado trahio.

Aſſuſtada com a viſta
Corre a hum, e outro lado;
Até que o infeliz deviza
Em mortal pranto alagado.

Importuno, diz a fera,
Teu louco amor que procura?
Naõ ſabes ja por coſtume,
Que eu naõ conheço a ternura?

Vejo teu peito ferido,
Palpitar-te o coraçaõ,
Teus ais que os montes abalaõ
Naõ me fazem compaixaõ.

Que me importa, que de Amor
O incendio te devore,
Se o meu Deſtino por lei
Me manda que naõ te adore.

O Triſte, que em mortaes ancias
O deſengano eſcutou,
Do fundo do coraçaõ
Eſtas palavras ſoltou...

Ah deshumana, a tua Alma
Tanto as leis do Fado préza!
Ultrajando as Leis Sagradas
Do Amor, da Natureza!

Ah!

Ah! teme ingrata o caſtigo
Do Nume que o raio accende,
Quem a Natureza ultraja
Seu poder ſuperno offende.

Eu morro, morro contente,
Mas quero, ingrata, primeiro,
Do poder de Amor moſtrar-te
O retrato verdadeiro.

A verde Hera abraça o tronco,
O Zefiro beija a flor;
Vê, tyranna, no inſenſivel
O poder, que tem Amor.

Vê debaixo da agoa fria
Namorado o peixe mudo,
Envergonha-te, e conhece,
Que o Amor inflamma tudo.

Ouve as aves deſte boſque,
Que em alternadas Canções
Humas ás outras explicaõ
Suas amantes paixões.

Vê como naquelle ramo
Se adoraõ dous Paſſarinhos,
Unindo em doces requebros
Os delicados biquinhos.

Repara, cruel, naquelle
Que o ſeu bem feliz fizera,
Como ſe encreſpa vaidoſo
Do triunfo que tivera.

Vê aquelle . . . ah! que o eſtrondo
De arcabuz que ſe diſpara,
Aſuſtada pelo boſque
A amante turba ſepara.

O mais terno Paſſarinho,
Que gozava os dons de Amor,
Foi victima deſgraçada
Do barbaro Caçador.

Co' peito ferido vôa
Apôs da prenda querida,
Adeja, revoa, e cahe
Aos pés do cruel, ſem vida.

A Eſpoſa, que nas balſas
Naõ encontra o bem amado,
Vôa ao ſitio venturoſo,
Onde o havia deixado.

Naõ o encontra, ſóbe aos ares
Para ver ſe o boſque o eſconde,
Canta, eſcuta, outra vêz canta,
Eſcuta, ninguem reſponde.

So-

Sobre as azas ſe equilibra,
A eſp^rança lhe dá conforto,
Com os olhos cruza a terra,
Eis deviza o Eſpozo morto.

Taõ veloz da acceza nuvem
O fogo ardente naõ ſahe,
Como a Eſpoſa ſemiviva
Junto ao caro Eſpoſo cahe.

Com as azas cobre o Eſpozo,
Com o bico raſga o peito,
Morre, e o leito do ſeu bem
He o ſeu funeſto leito.

Marfida ſeus lindos olhos
Dos Eſpoſos naõ tirava,
E de ter ſido taõ fera
Confuſa ſe envergonhava.

Ja ſinto, diz, no meu peito,
A ternura, a compaixaõ,
Sinto ja de Amor a flamma
Devorar-me o coraçaõ.

Theonio, meu bem, piedade,
Na tragedia que contemplo
Aprendi a amar, e quero
Dar-te de Amor puro exemplo;

Ja te adoro , fim meu , bem,
Do teu mal me compadeço ,
E em premio de tantas ancias
A minha alma te offereço.

Theonio grita , ah! fe eu pude
Supportar tantos defgoftos,
Marfida a minha alma fede
Ao pezo de tantos goftos.

Corramos, Marfida , ás áras
De Amor , dar-lhe adorações ,
Rendidos lhe tributemos
Noffos fidos corações.

De Açucenas , e de Rofas ,
Dias grinaldas formaraõ ,
E c'rôando-fe hum a outro ,
O Templo de Amor buſcaraõ.

Antonio Berſane Leite de Paula.

A' JA-

A JACINTA.

A Noite envolta em tenebroſo manto
No ár as negras azas eſtendia,
Tudo enchendo d'horror, tudo d' eſpanto:
Ao longe o rouco mar bramir ſe ouvia,
Q' a rôlos eſpumando ſobre a arêa
Nas duras penhas com furor batia:
A froixa lûz da Lua entaõ mal chêa
Os macilentos raios dardejava
Por entre as nuvens de que o ar ſe arrêa:
O Marinheiro tímido vogava
Com preſſa os remos para a curva praia,
Onde o ſaveiro concavo encalhava:
Antes que a chuva denegrida cáia,
O Peſcador na gruta cavernoſa
Eſconde o barco de ligeira faia:
Sómente Elmiro na torrente undoſa
Do flavo Tejo, que corria os mares,
Naõ teme a tempeſtade rigoroſa.
A vida affeita a turbidos pezares,
Cortado de ardentiſſimo ciume
Naõ teme o horror dos enlutados ares:
Naõ teme a furia do trifulco lume,
Nem o poder fatal deſſe tridente,
Que ſopêza nas maõs o equoreo Nume:
Embora rompa a eſfera o raio ardente,
Sobre a concava prôa recoſtado
Olha tranquillo para o mar fremente:

Ab-

Abſorto n'um triſtiſſimo cuidado,
Só Jacinta a ſeus olhos ſe affigura,
A Nynfa mais gentil do mar ſalgado:
Mas que ajunta á extremada formoſura
Hum peito refalſado, e rigoroſo
Huma alma fementida, impia, e perjura:
Por ella o triſte Elmiro deſditoſo
Derrama ternas lagrimas a fio,
Della ſe queixa ſempre ao Ceo piedoſo:
Ou arda o claro Ceo no quente Eſtio,
Ou ſe congele a terra humedecida
Pelas gretadas maós do Inverno frio.
Por ella perde o goſto, e perde a vida,
E arrancando hum triſtiſſimo ſuſpiro
Se queixa aſſim da amavel homicida:
„ Até quando, cruel, do pobre Elmiro
Ha-de o ecco ſoar co' as queixas triſtes
Por eſte melancolico retiro?
Dize, Nynfa cruel, que tens, que viſtes
Sobre minha figura, e meu ſemblante,
Que taõ ſómente em deſprezar-me inſiſtes?
Naõ tenho eu ſido hum extremoſo amante?
E inda a pezar de teus deſdens raivoſos,
Naõ fui ſempre fiel, naõ fui conſtante?
Naõ ſulquei ſempre os mares procelloſos,
Por te apanhar, cruel, pois ſei goſtavas,
Os pintados mariſcos ſaboroſos?
Se a caſo ſobre a praia paſſeavas,
Naõ te formei de mil coraes capellas,
Com que os louros cabellos ennaſtravas?

Naõ

Naõ te eſcolhi gentis conchinhas bellas
Nas fendas dos rochedos cavernoſos
Humas azuis, ás outras amarellas.
Quiz mais de ti que ver os luminoſos,
Brilhantes olhos teus verdes, e bellos,
Mais do q̃ o mar, mais do q̃ o Ceo formoſos?
Quiz outros laços mais que os teus cabellos?
Pois ſe divizas hum amor taõ forte,
Porque me matas d' importunos zelos?
Ah, Jacinta cruel, ou dá-me a morte,
Ou de meu duro mal compadecida
Naõ tornes mais cruel a minha ſorte:
Deixas hum Peſcador, e andas perdida
Apôs d' hum monſtro, que Tritaõ ſe chama,
Vil tocador de concha retorcida:
Sentes de amor por elle eterna chamma,
E elle ſurdo a teus ais, a teus gemidos
Naõ ſabe que o teu peito o préza, e ama:
Ah levanta mais alto os teus ſentidos,
Olha que n'um Tritaõ ternos amores,
Ou ſaõ mal empregados, ou perdidos:
Naõ murches de teu roſto as lindas flores
Entre nervudos eſcamozos braços
De feios monſtros brutos nadadores:
Suſpende, ó alma minha, os leves paſſos,
Eſcuta a minha vôz, ouve o meu pranto,
Olha que quebras os meus ternos laços:„
Dizia o triſte Elmiro, e o negro manto
Da feia noite pela luz rompido,
D'huma ſulfurea ſetta o encheo d' eſpanto:

Vio

Vio entre vagas ſeu baixel metido
No meio da torrente ſoçobrado
Dos implacaveis ventos combatido.
Entaõ olhando para o mar ſalgado
Vendo proximo o fim da triſte vida,
Tirou tal vôz do peito magoado:
„ Agora vivirás, fera homicida,
Agora que vou ſer no mar abſorto
Ao meu rival com terno amor unida:
Pula tranquilla ſobre o doce porto,
Meu frio corpo obſervarás contente,
Nas creſpas ondas aboiando morto:
Mas eis o Fado, por entaõ clemente,
O pequeno baixel leva ſeguro
Do mar azul no dorſo tranſparente:
Eis maldizendo o ſeu deſtino eſcuro
Beijando as ingratiſſimas arêas
Se acolhe ao centro d' hum penhaſco duro:
Outra vez, diz, as riſpidas cadêas
Heide arraſtar cruel, e fogo inſano
De amor hade gyrar nas cavas vêas?
Quanto fôra Jacinta o Fado humano,
Se no meio das ondas denegridas
Dêra comigo fim de amor ao damno!
As triſtes eſperanças ja perdidas
De todo com meu corpo ſe affogaraõ,
Eſperanças de Amor taõ bem naſcidas:
Aqui deſmaia o triſte, e retumbaraõ
Pelos duros rochedos cavernoſos,
Os triſtes ais, que alli ſe conſervaraõ
Conſolaçaõ de amantes deſditozos.

A FEIRA DA LUZ

CANTO.

Librado ſobre as azas
O Deos de Amor eu vi gyrar tres dias:
Deſce ao Campo da Luz entra nas Caſas:
Com elle as inquitas Alegrias
Os traveços Prazeres,
Deſaſocegaõ homens, e mulheres.

Ora poiſava em ariçadas tranças
Ora ſe vê a furto em olhos bellos
Semeando eſperanças,
Que daõ por triſte fruto horriveis zelos
Ora em peito ſe eſconde,
E alli exiſte, e naõ ſe ſabe aonde.

No lugar em que o Povo compra, e vende,
Alli pertende Amor ter lucro grande,
Subtis laços eſtende,
Nem algum há que alli ſeguro ande,
Daõ-ſe arriſcados paſſos,
E eu vi a mais de cem cahir nos laços.

Deſ-

Deſtra belleza ufana paſſeava,
Turba immenſa a ſeguia:
Com eſtudados geſtos captivava,
E nunca ſe rendia,
A ſeus grilhões já prezos
Vi muitos corações em vaõ accezos.

Martezia que de livre aſſim blaſona,
E que tantos captiva
Por entre as ruas de baeta, e lona
Faz rabear a eſcrava comitiva,
E vai ao torpe bando
Deſgraçados rivais accreſcentando.

Pendem d' hum lado matizadas fitas,
Bordadas coifas, lenços mil galantes,
Varias plumas bonitas,
Lindas caixas, anneis extravagantes,
Com que o déſtro caixeiro
Faz do que pouco val muito dinheiro.

De preparada concha a hum lado alvejaõ
Pequenos corações com letras d' oiro,
Lem-ſe alli expreſsões, que ſe deſejaõ.
Hum acha o ſeu agoiro;
E numero infinito
Poupa em curto letreiro hum longo eſcrito.

De

De hum amfibio animal malhada caſca
Dera os ſubtis anneis, que vende aos fios
Gracioſa taraſca,
E os groſſeiros bonecos d' aſſobios,
E as azues, e encarnadas charamelas,
E os molhos de perpetuas amarellas.

Já Martezia lá vai a recoſtar-ſe
Em certo moſtrador, defronte eu fico;
Baſta ella chegar-ſe
O pobre vendedor ſe torna rico:
Qual virtude eu conheço
Do que a ella lhe agrada ſobe o preço.

Vaõs peraltas lá vaõ em competencia,
Qual offertar-lhe a fita primoroſa,
Q' acceita por decencia;
Qual leva por offrenda gracioſa
Hum coraçaõ bem feito,
Taõ fragil como o que lh' eſconde o peito.

Eſta volante, e frouxa bateria
Naõ póde inda rendê-la;
E he falſo amor, amor de zombaria,
O que ſe lê nos lindos olhos della:
E já Cupido irado
Tem digno vencimento deſtinado.

As

As magras bolſas daõ o ultimo alento,
E eſta belleza invicta
Bem livre canta o proprio vencimento:
Fria izençaõ terriveis leis lhe dicta,
E aſtuta reſiſtindo
Os deixou hir chorando, e ficou rindo.

Mas naõ zombes, cruel, que pouco tarda
A vingança d' Amor,
A quem tua izençaõ naõ acobarda,
Teme o teu vencedor,
Mil ſettas deſpontaſte, mas eſpera
A que de Acrizio a prole já rendera.

Fogoſos brutos entr' eſpuma envoltos
Duro freio raivoſos maſtigando
Paraõ aonde os Amorinhos ſoltos
Os virtuoſos corações tentando
Eſcreviaõ attentos
A liſta de futuros cazamentos.

Deſce o moço Frondelio, entaõ retine
O ſom das algibeiras
Naõ tarda que Martezia naõ ſe incline
A's vozes lizongeiras
De oiro ſempre ſuave,
Q' ao peito ſem virtude he propria chave.

Venceſte, aſtuto Amor, em fim venceſte
Já Martezia delira,
Naõ fazem todos o que fez ſó eſte,
A cruel ja ſuſpira,
Mas ſeu vil intereſſe he deſprezado
Alviçaras, Amor, eſtás vingado.

Incautos Moços, conhecei o engano,
E nelle contemplai o que eu contemplo,
E para o outro anno,
Lembrando o conto que vos dou de exemplo,
Ninguem fiar ſe queira
Em achadiços corações da feira.

Ler. Sel.

CARTA A FRANDELIO,

EM QUE O A. CONTA A NOVA PAIXAÕ POR

ANFRIZA.

EM quanto á ſombra dos nodozos freixos
Sentado á borda do apoucado rio,
Vê no fundo rolar os alvos ſeixos,
E c' o farpado anzol no longo fio
Tiras a engano as ſalpicadas trutas,
Que ſe recolhem nas limozas grutas:

Amor, traveço Amor, as redes colhe,
Em que muitos prendêo, e em q̃ me prende,
E Anfriza, a bella Anfriza he quem eſcolhe
Para os ſucceſſos que ſó elle entende.
Frondelio, ouve a verdade,
Já perdi a guardada liberdade.

Naõ valêo o raivoſo juramento
Quando me deſatei de Livia ingrata
Inda as vôzes rolavaõ com o vento
Eis em novas prizões Amor me ata,
E Anfriza... Anfriza, como Livia bella;
Temo que ſeja ingrata como aquella.

Cáro Frondelio, e naõ te compadeces
De me veres tornado
Aos males que conheces?
Tem compaixaõ do Amigo desgraçado.
Provaste a força ja deste delirio;
Sim, ha de condoerte o meu martyrio.

Torno a ter as algemas nos meus pulsos,
Tornaõ cadèas a prender meus passos,
Sinto os membros convulsos,
E cuido o coraçaõ ter em pedaços.
Torno ao cruel, e barbaro costume
De gemer de saudade, e de ciume.

Naõ peço a Amor me solte, naõ, só peço
Que conserve o meu bem sempre segura,
Que eu muito bem conheço
Como he varia, inconstante a formozura,
E entre immensos rivais
Temo a Fortuna, e naõ o amor dos mais.

Ler. Sel.

AS

AS DOENTES.

ENtre freſcos arvoredos
Divertia meus cuidados,
Quando em ruſticos penedos
Vi Razaõ, e Amor ſentados,
Tratando mutuos ſegredos.

O arco, as frechas, a aljava
Nas máos, nos hombros naõ via
Amor deſarmado eſtava,
E a Razaõ alegre ria,
E co' meigo Amor brincava.

Com que paſmo, e confuſaõ
Maravilhado parei,
Palpitou-me o coraçaõ,
Pois que nunca Amor achei
Tanto unido co' a Razaõ.

Notando eſtive o lugar,
Aquelle era meſmo aquelle,
Q' aos da ſerra ouvi contar,
Que Cinthia deſcia á elle,
Quando Amor a fez amar.

Entaõ na mente agitada,
Que coiſas eu revolvia,
Da converſa nunca uſada
Eu eſperava, eu temia
Sem poder acertar nada.

Ergue aos Ceos viſta divina,
E os dedos das máos cruzando
Grita Amor: pobre campina....
E tres vezes ſuſpirando
Clama Alcina, Alcina, Alcina.

Sua vôz nas penhas ſôa,
E Eco entre ellas eſcondida
Imitando-o o nome entôa,
E a vôz no ár eſtendida
Por todo o boſque reſôa.

He a Razaõ quem ſocega
A Amor afflicto, e queixoſo,
Abraça-o, á face o chega,
E elle muito mais choroſo
Aᶜ ſua magoa ſe entrega.

Em ſoluços continúa
Alcina, Alcina adorada,
Que crueldade he a tua?
Tens ódio á viçoza eſtrada,
Qᶜ até Cinthia chama ſua.

C^{e} o bando dos meus amores
Eſperava acompanhar-te,
E teus olhos matadores
Me pouparaõ força, e arte
Para render os Paſtores.

Já tuas gentis amigas
Me cortaraõ loiro, e palmas;
Mas Alcina he bem q̃ o digas,
Q^{e} inda reſtaõ duras almas
Do meu Imperio inimigas.

Inda eſtava aſſim bradando
Eſta meiga Divindade,
Eis q̃ á preſſa caminhando
A ſolicita Amizade
Vem o cáro Irmaõ buſcando.

A experta Razaõ ſaũda,
Depois a Amor brandamente
Diz que á ſua Alcina acuda,
Porque Alcina eſtá doente;
Solta hum ai, o geſto muda.

Quando tal noticia ouviraõ
Razaõ, e Amor ſe aſſuſtaraõ,
Mil perguntas repetiraõ,
Mudos para o chaõ olharaõ
E depois todos ſuſpiraõ.

Que

Que mal? perguntava Amor;
Como! gritava a Razaõ
E eu ao mutuo diſſabor
Sentia o meu coraçaõ
Palpitar de ſuſto, e dôr.

Entaõ a meiga Amizade
O antigo mal deſcrevia,
E o triſte Irmaõ perſuade,
Q.e a Medicina ja hia
Vencendo do mal metade.

Eis que Amor iſto eſcutando,
O vejo tornar tranquillo,
Pede que o ſucceſſo infando
Se lhe conte, e para ouvillo
Junto á Irmáa ſe vai ſentando.

Da outra parte a Razaõ
Seriamente ſe aſſentava,
E encoſtando a face á maõ
Já da Amizade eſcutava
A funeſta narraçaõ.

Anda a doença fatal
Perſeguindo a Natureza;
Nada a reſiſtir-lhe val,
E quer moſtrar que a Belleza
Tambem naõ he immortal.

A Armania atacou forina,
Nem já respeitou Marilia,
Tanto em maldade resina,
Que vai perturbar Emilia,
E vem assustar Alcina.

Amor naõ quiz ouvir mais,
Toma de hum Nume a presença,
E arrancando serios ais
Quer disputar á Doença
Seus privilegios fatais.

Ouvi seu alto clamor,
Elle já vai soccorrellas,
E dizia em seu furor,
Que pertence ás que saõ bellas
Só adoecer de Amor.

Já hia em tanta aflicçaõ
Armar-se de arco, e de aljava,
Sustem-lhe o braço a Razaõ,
E a Amizade supplicava
Preciza quietaçaõ.

Ninguem tenta Amor suster
Quem tanto ousar, fuja, e trema;
Amor faz tudo o que quer,
Nem arte val, nem systema
De Amor deve adoecer.

Por entre a vereda eſtreita
Vôa Amor ferindo as gentes,
A Razaõ ſeu vôo eſpreita,
E vê que ás ſuas doentes
Vai preparar a receita. *

Ler. Sel.

O

---

* *Eſtes Verſos precederáõ ás Cantigas da Receita de Amor, que hiráõ nos folhetos Viola de Amor, que ſe daráõ com brevidade ao Publiço.*

O UNIVERSO

ODE.

EMbora a face da habitada Terra
Indomita phalange volve, e gyra,
Sanguinoſo furor de rude guerra,
Naõ mancha a minha lyra.

No pé batido o neſcio vulgo eſpante,
Cubra de honroſo nome infames erros,
Timido Povo mil louvores cante
A quem lhe forja os ferros:

Enſinou-me a formoſa alta Uranîa,
Move, mandou, as cordas com preſteza,
Dos Ceos naſcêo a nobre Poeſia,
Que canta a Natureza.

Do Univerſo o principio procurando
A ſolta Náo deſertos mares corte
Claros hymnos diante revoando,
Servir-me a vós de Norte.

Que ternos cantos ouço.. ! amavel clima
Deſcobre d' Iris a enfeitada teſta
A Terra brota !.. Brando o Sol a anima,
A Primavera he eſta.

De-

Deter naõ pódem meu baixel ligeiro
Ares de Paphos, Chipreas as arêas,
Paſſa avante qual Grego aventureiro
Lotophagos, Serêas.

Entre as eſpigas de ſuôr banhado
Traz calmoſo Veraõ compridos dias,
Secco Levante ſópra affogueado,
E créſta as ſombras frias.

Eſt' outra coſta que deſcubro á prôa
O fertil vario Outono ſenhorêa,
De louros cachos a cabeça crôa,
Outro Baccho ſe arrêa.

Mas que!... Do Promontorio derradeiro
Titaneo Briarêo ſurge, e levanta
Embrulhado em cinzento nevoeiro
Terras, Nações quebranta.

Sobre carro de gélo aos aſtros vôa,
Nas vagas ſonoroſas, e eſcumantes
O rijo Noto, o fero Auſtro atrôa,
Saõ furias ſibilantes.

Impavido afrontei já teus terrores
Q' imprime o Ciclo monſtro em ſeu ladrado,
Môr força levo do que tem furores
O Inverno enraivado.

Que myſterio do Mundo inda naſcente
Deſcubro na carreira !... A viſta paſſa...
Foge ò profano ... eu canto , eſcute a gente
A tenebroſa maſſa.

Primeva confuſaõ , ſombria , inerte
Dormindo neſcia dos effeitos ſeus
Alto Poder attende, que a deſperte :
Reina o ſilencio , e Deos.

O eterno falla ... vaſtos globos ſaltaõ
A maſſa volve luminoſa toda
Rapidˢ accezos aſtros ſe deſataõ
Da turbulenta roda...

Além parou o Sol em ſi rolando,
Os Planetas o ſeguem regulados
Em torno deſſes corpos vaõ gyrando
Outros corpos pezados.

Prizões q̃ ao centro chamaõ , e ſe impellem
Nas mãos governa dˢ harmonia o ſprito ;
Defende attento aos orbes ſe atropelem
No caminho preſcrito.

Milhões de Sões... Soberba Não que rejo !
Novos Mundos ! naõ ſaõ.. naõ ſaõ enganos...
Eſtranhos montes , e edificios vejo,
Ouvime outros humanos !...

Ah!

Ah! q̃ a rota perdeo ſeguro leme;
As velas cobre eſcura nevoa groſſa
Voragem nos abyſmos rouca freme
Os rochedos deſtroça.

Eſtes golfos Argolio monſtro evita
Foge a luz! - . onde eſtou . . ! q̃ mar !..q̃ terra
Potente vôz me grita,
Atrevido, atrevido, o panno ferra.

O D E.

QUando, Anarda gentil, pulſando a Lyra
A doce vôz deſatas,
Que os feros Tigres amanſar pudéra;
Quando os traveſſos olhos
Meiga revolves, e que em mim os fitas
Com geſto enternecido;
Quando na linda bocca raiar deixas
Engraçados forrizos,
Que incautos me annunciaõ mil venturas;
A que aſpirar naõ ouſo,
Naõ ſei que eſtranho devorante fogo
Pelas vêas me corre:
O coraçaõ palpita; a luz dos olhos
Parece que me foge; Ato-

Atonito deſmaio ; mal reſpiro ;
E em ternura desfeito zes
Dentro em mim meſmo exlamo,ò cem mil ve:
Amante venturoſo ,
Que has-de em ſeu brando ſeio reclinado
Gozar o prazer puro
De ouvilla ao ſom da Cythara ſonora
Modular docemente
Armonioſos namorados verſos
Por Amor inſpirados :
Que has-de ſentir pular-lhe o terno peito ;
E reſpirar goſtoſo ,
Seu hálito divino ; que enlaçado
Em ſeus mimoſos braços ,
Has-de o ſeu lindo geſto contemplando
Provar o fogo activo ,
Que de ſeus olhos , aos meus olhos paſſa,
E o coraçaõ me inflamma ;
Que em Amor , e ternura entaõ obſorto
Has-de aſſim,como eu ſinto,
Sentir desfalecer-te , e que anhelante
Convulſo extaſiado,
Em ſuave délirio confundindo
Reciprocos ſuſpiros,
Has-de beber o doce , e puro nectar ,
Que Amor com mão eſcaſſa
Nas flores derramou , que elle ſó colhe ....
Mas que doce torrente
De prazer já me innunda!... Oᶜ Ceos!..Anarda
Eu morro ... ſim ... eu morro .

EM

EM CONTEMPLAÇAÕ

DO SEMPRE VENTUROSO DIA DAS NUPCIAS

DOS ILLUSTRISSIMOS, E EXCELLENTISSIMOS

SENHORES

CONDES DE POMBEIRO.

VERSOS

ENtre feſtões de roſas, e boninas,
Que os Zefiros ſuſtentaõ adejando,
Baixar ao Mundo vejo hum claro dia,
Sereno, e radioſo.

Em torno delle, de tropel voando
Mil álmos Dotes, Riſos mil, e Amores,
Feſtivaes vôzes pelos ares vágaõ,
Arabicos perfumes.

Sobre as rôxas montanhas aſſomando,
Na fulgurante, rapida carroça,
Que o alvo Phlegon, e Piroes lhe puchaõ,
O accezo Plebo raia.

Ah! bem o ſei: tu es, doirado Dia,
O que arder viſte de Himineo nas chammas,
Unir, prender em ſeus riſonhos laços,
Duas ſublimes Almas.

O

O que atar viſte em vinculos eternos,
O docil coraçaõ, candido, auguſto,
Da Divina Pombeiro, ao do abrazado,
Inclito Vaſconcellos.

Do magnanimo Condè, que inflexivel,
Ouro fio, a Balança tem de Aſtrea;
Q^e alta Eſtirpe de Heroes vai dando ao Mundo
Do Mundo amor, e gloria.

C^o a doce vôz, (oh dia luminoſo)
C^o a doce vôz que os ventos pacifica;
Que as verdes vagas do Oceano enfreia;
Que torna o pranto em riſo:

Chamar da linda, namorada Eſpoſa,
Huma vêz, e outra vêz entre ſuſpiros,
Tardo, e cruel te ouviſte: e perguiçozos;
Teus fervidos Etontes.

Oh dia eſclarecido, ao Ceo taõ caro!
Taõ caro ás ſans, auriferas virtudes!
Negra nuvem já mais turbar te poſſa
Os puros reſplandores.

Já mais rijo tufaõ, que á Terra arroja
Sulfureos raios de azulado fogo,
Lanças vibrando de ſaraiva frigida;
Te eclipſe a luz fulgente.

Oh dia eſclarecido! em quanto a Aurora,
Largando a redea ás remendadas Pias,
Fôr pondo em fuga as luctuoſas ſombras,
Por mim ſerás cantado.

Ferindo as cordas da Apolinea Cythera,
Te levarei da Eternidade ao Templo:
Illezo irás: ireis com elle illezos,
Clariſſimos Pombeiros.

Eurindo Nonacrienſe.

EM

PARA CELEBRAR O ANNIVERSARIO
DO CAZAMENTO DOS EXCELLENTISSIMOS
CONDES DE POMBEIRO.

O D E.

MUſa, quᶜ ora as douradas longas tranças,
Ornas de freſcas, e cheiroſas flores;
Que as veſtes roçagantes,
De perolas luzentes recamadas,
Soltas ao ár entregas;
Que a vòz alti-cadente,
Modulando cᶜ os ſons da cava Lyra,
Anhelas preſſuroſa,
Por honrar eſte Dia venturoſo,
Eia naõ temas o canoro bando,
De Cyſnes do Ceruleo patrio Tejo,
Que em roda te circundaõ:
Ouſa erguer o teu vôo,
Miſturar tua vôz, coᶜ as ſuas vózes.
Mas que fogo ſe attêa na minhᶜ alma!
Aonde ſe arrebata a minha mente?
Novos climas diviſo,
Diviſo Gentes novas.
Eis marmoreo Edificio levantado,
Sobre o dorſo de hum monte:
Tem de ouro as altas portas,

Que abertas par em par deixaõ patente,
Rico, brilhante Altar, nas ſantas Aras
Ardem fragrantes Arabes Incenſos.
De trofeos glorioſos
Tem as longas paredes reveſtidas.
Almos hymnos reſſoaõ,
Librados ſobre as azas d' Alegria.
Hé eſte, ſim, he eſte o Templo auguſto
D' Hymineo ſacro-ſanto,
Onde tem a Virtude eterno aſſento,
Que reſpeito! Que aſſombro,
Me infunde eſte lugar té' qui naõ viſto!
Encarar naõ me atrevo a Divindade:
Quero andar, e naõ poſſo.
Frio ſuſto naõ he, naõ he receio.
Eia, os olhos fitemos ſobre o Throno:
Ah que vejo! Que obſervo!
Sim, eu vos vejo, ó inclitos Conſortes,
Occupar d' Hymineo o Throno excelſo.
Es tu, Marilia bella,
Que terna mereceſte gloria tanta.
Como exulta de jubilo celeſte,
Joſino teu Eſpoſo!
Como amante contempla as graças tuas?
E tu, Conſorte digna,
Fiel a teus ſagrados puros votos,
Como leda contemplas eſſe objecto
De teus caſtos amores!
Oh quanto, excelſa, candida Marilia,
Es dignas d' alta gloria,

Com

Com que o Ceo corôou tuas virtudes !
De huma idade chegando a outra idade
Teu nome voará de hum Polo a outro.
O' vôs taõ decantadas,
Artemizas, e Porcias,
Dos Seculos paſſados honra, e gloria,
Voſſo merito eclipſa
A ſingular Marilia pura, e bella,
Como vós de alta eſtirpe.
N' um tempo em que a Virtude
Parece ter fugido dos Humanos,
Guardar inteira a fé, que foi jurada
D' Hymineo nos Altares,
He mais do que beber do Eſpoſo as cinzas,
Inda mais que engolir carvões accezos.

Por Albano Oliſponenſe.

NOS

NOS PLAUSIVEIS ANNOS
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
CONDE DE POMBEIRO
DIGNISSIMO REGEDOR DAS JUSTIÇAS
&c. &c. &c.

ODE ALCAICA.

LEvava o Tempo cortando rapido
Co' as longas azas os áres limpidos
De rojo a graõ cadêa
Dos devorantes seculos.

Alada turma de genios fervidos,
Voando em torno do monstro indomito,
Ora se chegaõ fortes,
Ora se arredaõ timidos.

Hum aureo Anno, q̃ aos fuzis rigidos
Divizaõ prezo, querem tirar-lhe,
Mas elle receoso
Olha de revez horrido.

Eis lhe arremeça co' a fouce rigida;
Eis os afasta co' as azas rispidas,
Porém o sagaz bando
Furta-lhe o corpo subito.

En-

Entaõ hum Genio de glorias avido
Por traz curvado do bando intrepido,
Ligeiro chega, e ſolta
Ao prizioneiro, rapido.

Vôa com elle chêo de jubilo
Fendendo os áres ao Templo lucido
Da ſempiterna gloria
O Vencedor aligero.

Porém apenas o velho horrifico
Deviſa o furto, poſſante, e rabido
Agita as negras azas
Com horroroſo eſtrepito.

Eis qu' empunhando lamina fulgida
Se vê nos áres Aſtrea integra,
Suſtando a agil carreira
Ao voraz monſtro perfido.

Entaõ lhe grita: Suſpende, barbaro,
O vôo altivo, qu' os annos inclitos
Do Crande Vaſconcellos
Naõ te pertencem improbo.

Eu lhos defendo, lhos guardo placida
Nas maïs brilhantes urnas riquiſſimas
No mageſtoſo Templo
D' altos Heroes magnificos.

Tu que me ſercas alado ſequito;
Deſprega as azas com prazer Celico
De verde louro a fronte,
A clara fronte enrama-lhe.

Sôem nos Orbes louvores candidos,
Louva o famoſo Heroe magnanimo,
Que ſabe unir comigo
A sãa Piedade ſólida.

Os meus Altares defende impavido,
Equilibrando ſempre rectiſſimo
Minha legal balança
Com equidade publica.

Os ſeus eſtudos saõ os ſeus Titulos,
Por toda a parte sôaõ ſeus meritos,
Seu nome naõ preciza
Gravado ſer nos marmores.

Os Apolineos Cantores melicos
Co' as brandas lyras, co' as tubas Epicas
Seu nome levaráõ
Além das eras rapidas.

Tu meſmo, cáro Lereno placido,
Com ſubtil plectro ferindo a Cytera,
Com teus ſonoros Verſos
No Mundo o farás celebre.

E tu, ſuberbo tragador ſoftego,
Reſpeita os annos, qu' eu guardo impavida,
Ou treme feroz monſtro
Deſta qu' empunho lucida...

Diſſe, e barendo co' as plumas nitidas,
Vôa ſoltando mil raios fulgidos,
Deixando ao voraz Tempo
Mordendo-ſe fernetico.

Por Francelio Vouguenſe.

No

NO FAUSTISSIMO DIA NATAL
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
CONDE REGEDOR.

ODE

Dirigida ao M. R. Sr. Beneficiado
Domingos Caldas Barboza.

EIa Sublime ſonoroſo Caldas,
Improviſo Cantor, eu pulſo a Lyra,
Que Apollo enaſtra de frondoſa rama;
O fogo que reſpira
Nos Verſos teus com rutilante chamma,
Com que a voluvel fantaſia eſcaldas,
Eu ſigo: e o vôo rapido qu' ergueſte
Do ninho Americano, onde naſceſte.

Eia anima o meu canto, ao Ceo ſagrado
Eu me ſinto levar; toco co' a frente
O convexo d' abobeda azulada
Do Aſtro refulgente,
Já vejo o Diſco, e face illuminada,
Vejo o plano eſtenſiſſimo encreſpado,
Que ſobre hum lenho intrepido ſulcaſte,
Quando o Cruzeiro lucido encaraſte.

Lá

Lá vejo a praia, lá deſcubro a arêa,
Na qual eleva a torreada frente,
A quem Nepruno cede o Sceptro undoſo;
Lá vaõ pelo Orizonte
As amêas do muro mageſtoſo,
Que em torno cinge a inclita Uliſſêa,
Corte famoſa, que aviſtando honraſte,
Quando as arêas humidas beijaſte.

Ah! tu naõ trazes ó metal luzente,
Os acceſos rubins, os diamantes,
Nem eſſes lenhos nos ſertões cortados,
Nem aromas fumantes,
Que ponhas nos altares conſagrados,
Que offerta o rico lucido Oriente;
Mas Verſos urdes de immortal belleza,
Sublime vôz da ſimples Natureza.

Ah! tu de Vaſconcellos hoje o dia
Natal na Lyra, que te déra Apollo,
Aos Aſtros leva, donde mora Aſtrea,
E de hum a outro Pollo;
Leva a gloria da inclita Uliſſêa
Na improviſa, na doce melodia,
Sôe o ſeu repentino altivo canto,
Q.e a mim, ao mundo poſſa encher de eſpanto.

Eu

Eu confundido qual meſquinho Ganço
Entre bandos de Ciſnes ſonoroſos,
Que nas Iſmeneas ondas ſe mergulhaõ,
E bebem dos undoſos
Rios, que no Parnaſo inda borbulhaõ,
Taõ remontados vôos naõ alcanço,
Que Verſos poſſa urdir alti-ſonantes,
Mais ſublimes qu' o oiro, qu' os diamantes.

Já a par de hum Bizavô, qu' o vacilante
Reino ſuſteve nos nervoſos hombros,
Pela Patria infeliz ſacrificado,
Entre paſmos, e aſſombros
Lá lhe levantaõ buſto conſagrado,
Fundido do metal puro, e brilhante,
Outros ja pulem os penhaſcos broncos,
E já dos boſques deſarreigaõ troncos.

A empreſa he grande, porém tu ſobejas,
Cinge-te a ella, ſonoroſo Caldas,
Deſprega as aureas mageſtoſas pennas,
Pois do Parnaſo as faldas
Deixas, e ſóbes, as manſoens ſerenas;
Mas ſe outros vates inclitos deſejas,
Que rouca tornem eſta lyra minha,
Tens os Ciſnes qu' o fulvo Tejo aninha.

Elles louvem comtigo o Natal dia,
Que tantas vezes seja repetido,
Q' Apollo gaste o coche, e gaste as rodas;
Louvado, e applaudido
Seja dos Povos, e das Gentes todas,
Que chêos de prazer, e de alegria
Lhe augurem para sempre dilatados
Seculos pelos Ceos abençoados.

José Agostinho de Macedo,
Na Arcadia de Roma, Elmiro Tagideo.

NO DIA DOS ANNOS
DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
JOSE' DE VASCONCELLOS,
E SOUZA,
CONDE DE POMBEIRO,
REGEDOR DAS JUSTIÇAS &c.&c.&c.

ODE.

EM quanto o vaõ caprixo os homens leva
A travez da razaõ, e da verdade,
E a ſanguinoſa Guerra os dentes ceva
Na triſte humanidade,
Naõ cantes, Muſa inſana,
O fero General accezo em ira,
Que hum flagello cruel da raça humana
Naõ merece o louvor de aburnea lyra.

Lanço-te os olhos, conſternada Europa,
Por toda a parte o ſangue derramado
Em negros turbilhões a terra enſópa:
E o pálido Soldado
Fiel, e obediente,
Por dar aos ſeus Maiores, Fama, e Nome,
Vai acabar qual victima innocente,
Supportando o rigor do ferro, e fome.

Naõ

Naõ mais, naõ mais, o véo do Eſquecimento
Cubra eſta ſcena miſera, e meſquinha,
Pela eſtrada do Saõ Merecimento,
O' Muſa, me encaminha:
A mente naõ me illude,
O caprixo, a ambiçaõ, e a falſa gloria,
Demos incenſo á fólida Virtude,
Baſe immortal do Templo da Memoria.

Mas que Prudente Heróe, Sabio, Piedoſo,
Amigo da Razaõ, e da Equidade,
Deve levar meu canto ſonoroſo
Além da Eternidade?
Preclaro Vaſconcellos,
Se eu ouço a Gratidaõ, ſe eſcuto a Fama,
Se buſco da Virtude altos modêlos,
Tu es o aſſumpto qu'a minh' alma inflamma.

Tu proteges as Muſas deſgraçadas,
Que naſcêraõ no ſeio da Pobreza;
Tu prézas as Sciencias, deſprezadas
Do Orgûlho, e da moleza:
Honras a Humanidade,
Dos torpes vicios a cerviz ſopêas,
Ouves benigno as vôzes da Verdade,
E á perfida Calumnia a lingua enfrêas.

Deſ-

Descendente de Reis, de Heróes Famosos,
Creado no regaço da Opulencia,
Naõ votas os teus Dias preciosos
A inutil Indolencia:
Em honrosa porfia
Ao Rei, á Patria, á Gloria dedicado,
Ganhas novos troféos de dia em dia,
Que naõ se compraõ com o sangue herdado.

Entras de Astrêa no Sagrado Templo,
A Innocencia respira, e treme o crime,
Executor da Lei, es vivo exemplo
Da rectidaõ sublime:
Da intriga, e da Chicana
Os enredos subtis cauto descobres,
Appellida-te o Mundo, e naõ se engana,
O Esteio da Justiça, o Pai dos Pobres.

A opprimida Indigencia em ti descança,
Nem do rico o Direito he arbitrario,
Nem dos miseros Orfaõs rouba a herança
O Tutor usurario:
O Rabula insolente,
Em vaõ para enganar-te a penna toma,
Tu combinas as Leis, e tens na mente
As Leis do teu Paiz, e as Leis de Roma.

Honra dos Sabios, Senador Egregio,
O conceito geral aſſim te aclama;
E o teu Nome ſobio ao Throno Regio
Sobre as azas da Fama:
A Singular MARIA
Por quem Liſia derrama o pranto terno
Amante da Juſtiça, te confia
Das Juſtiças o gravido Governo.

De teu nobre ſuór, teu zelo honrado,
Ainda eſpero qu' o premio hum dia vejas;
Mas tu no berço dos Heróes creado
Só a Gloria deſejas:
Deſt' arte Roma via
Hum digno Heróe, que á Patria ſe votava,
E que da Patria nada mais queria
Que o verde loiro com que a fronte ornava.

A Maõ que rege dos mortaes a ſorte
Abre-te os cofres da immortal Ventura,
E por premio te dá Fiel Conſorte
De rara formoſura:
Com ella a vida paſſas
Izento de cuidados roedóres,
Vês no ſeu roſto as pudibundas Graças,
E em ſeus olhos gentis vês os Amores.

Deſta doce uniaõ no Ceo tecida
Logras em paz o fructo abençoado,
Da ſuſpirada Prole Eſclarecida
Em torno rodeado:
Entre os braços apertas
Os candidos Filhinhos, e a Conſorte,
Nos deveres de Pai, e Eſpoſo acertas,
Vives ditoſo, e naõ te aſſuſta a morte.

De balde Atropos fera o fio rompe
De hum Virtuoſo Heróe, qu' a Fama crôa:
De balde a fria carne ſe corrompe,
E o ſolto Eſprito vôa:
A Juſtiça, e a Verdade
Lhe erguem Padrões, q̃ o Tempo naõ conſome;
E aſſim nos tranſmitio a Antiguidade
Dos ſeus Grandes Heróes a Fama, e o Nome.

A Verdade, e a Juſtiça, a quem amaſte,
Te levaráõ aos Seculos vindouros,
E da Memoria as Filhas, qu' afagaſte,
Te crôaráõ de Loiros:
Chorado dos Humanos,
A quem d' alta Virtude exemplos déſte,
Será teu nome amado eternos annos,
E da auſtera Virtude o premio he eſte.

Por Anacleto da Silva Moraes.

NO

NO DIA EM QUE OS POETAS AMIGOS DE LERENO
O AJUDARAÕ A LOUVAR O SEU BENIGNISSIMO
BEMFEITOR
O ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO
SENHOR
JOSE DE VASCONCELLOS, E SOUSA,
CONDE DE POMBEIRO,
REGEDOR DAS JUSTIÇAS &c.&c.&c

NA PESENÇA DE S. EXCELLENCIAS.

ESTes os Vates, os ſonoros vates,
Que no ſagrado azylo,
Em qu' a voſſa piedade o tem, e acolhe;
Para ſi, para vós Lereno eſcolhe:

Eu ſó naõ baſtarei; naõ poſſo tanto,
E naõ louvadas ficaraõ, e occultas
As Virtudes que ſaõ
Proprias a exemplo, dignas de liçaõ.

Cem maõs naõ tenho, é q occupar cem pennas,
E bem qu' a Centiligue aſſas me ajude,
Devem dar-me ſoccorro outras Camenas;
Tanto dá que louvar voſſa virtude.

Inſpira tu, inſpira, ò digna Eſpoſa
Do meu excelſo Heróe, cára metade,
Taõ linda, e taõ formoſa,
Como he linda, e formoſa a sãa Verdade.

Naõ procuro o pincel, naõ peço as côres
Com que Graças, e Amores
De mãos dadas co' a ſabia Natureza
Em ti formaraõ ſingular Belleza.

Oh! Arte divinal, dos Ceos mandada
Para cantar ſeus dons;
De Amira honrar as graças naõ eſtudes,
Voêmos mais, honremos-lhe as virtudes.

Claro exemplo de Filhas, e de Eſpoſas,
E de Mãi, doce exemplo
A providente Muſa ha-de guardar-te
Da Memoria no Templo.

Dos Luſos hum momento abençoado
Ha-de ſer ſempre aquelle,
Em qu' eſte Eſpoſo te doou o Fado;
Elle he digno de ti, tu digna delle.

Limpa torrente que de Heróes dimana
Voſſos troncos illuſtres fertiliza;
Ah! quanto a grata gente Luſitana
A voſſa eſtirpe Auguſta eſpecializa.

Naõ,

Naõ, o Sabio Joſé ouvir naõ deve
Dos ſeus Maiores a ſabida Hiſtoria,
Q^e o meu ardente zelo hoje ſe atreve
A ſua ſeparar de alhèa gloria.

Titulos, cargos, honras, afaſtai-vos,
E tu, antiga eſtimaçaõ herdada,
Para outros guardai-vos,
Q^e o meu Heróe naõ neceſſita nada.

Vós, a que o Reino Luſo deve tanto
Fortes Monizes, grandes Vaſconcellos,
Foſteis os ſeus modèlos,
Mas eu mais alto o meu Heróe levanto.

Eſcuta, eſcuta, ò Filho afortunado:
Vê, reſpeitavel Filho,
Vê o caminho pelos teus trilhado,
Da gloria a eſtrada tem diverſo trilho.

Pendem elmos, alfangens, broqueis, malhas
Da Memoria no Templo,
Ah! ſe te chama o Nume das Batalhas
Tu naõ precizas d^e hum eſtranho exemplo.

Da outra parte, ó novo Conde, obſerva,
Qual te brinda Minerva,
Se ao paternal exemplo naõ te eſcuzas,
Junto ao teu lado vaõ ſentar-te as Muſas.

Honra, honra ás Camenas
Sê, como o Pai, seu protector, e amigo;
Terás em teu serviço as doutas pennas,
Antes delle o Parnaso era mendigo.

Ficta huma vez a irresoluta vista
Decide-te, decide-te.
A qual caminho abalançar-te queres:
A idade chama já, mais não esperes.

Eis formosas Virtudes sociaveis,
Q^e a teu amavel Pai sempre acompanhaõ;
Ellas querem guardar-te,
E, aonde quer que vás, acompanhar-te.

Ah! chega, chega a vê-las
Co^e a linda tropa dos Irmaõs formosos,
E os olhos paternaes sempre piedosos
Movem, movem-nos ellas.

Eis qu^e á Justiça faz alçar o ferro
Eis que alargueia os passos a Piedade:
Punindo o vicio, e separando o erro
Ouve com dôr a vôz da Humanidade.

Deixo o rigido officio,
Aonde a Lei seu coraçaõ constrange,
E mesmo para honrá-lo
Deixo o Juiz, e só no homem fallo.

Aos Parentes terniſſimo Parente,
Aos Amigos o mais fiel Amigo,
Parà o grande, e pequeno ſempre humano,
E mais que humano para o que he mendigo.

Foſtes pedida, ò adorada Prole,
O Mundo, o pobre Mundo precizava
Naõ ſucceſſor dos cargos liſongeiros,
Mas de Virtudes sáas dignos herdeiros.

Em vaõ ſe jactem outros
De trazer Povos a ſeu carro atados,
Joſé faz de infelices venturoſos;
Mais do q̃ aos homens he vencer aos Fados.

Eu meſmo, eu ſou exemplo,
Ouvem-me em roda gratos companheiros,
Reſpiramos aqui huma aura pura,
Joſé vencêo a noſſa má ventura.

A gratidaõ no peito me bafeja,
Hum fogo activo q̃ a meus hymnos creſta,
As azas com qu' ao Ceo ſubir forcejaõ,
Em vaõ fracos adejaõ,
Rojo na Terra: naõ, naõ poſſo tanto,
Vates amigos, ajudai meu Canto.
Diſſe.

O Beneficiado Domingos Caldas Barboza.

EPIS-

EPISTOLA

A BELMIRO TRANSTAGANO.

CAro Belmiro, meu prezado Amigo,
Sabio filho d' Apollo, a quem as Muſas
De verdejante loiro a fronte cingem:
Como he poſſivel, que em teu docil peito
Imfame ingratidaõ entrar pertenda?
Como he poſſivel, que deixar intentes
Sem motivo real, ſem juſta cauſa,
A noſſa Arcadia em triſte ſoledade.
Queres abandonar fieis amigos,
Qu' eſtremecem por ti, que por ti choraõ,
E que ja mais da candida amizade
Souberaõ quebrantar as leis ſagradas,
Por loucura d' hum Zoilo arrebatado!
Ah! vê Belmiro meu, vê que he deſdoiro,
D' huma cega paixaõ ſeguir o impulſo.
Se os altos Numes da razaõ fizeraõ
Brilhar em ti a tócha inextinguivel,
Naõ queiras offuſcar luzes taõ bellas
Entre as ſombras do ódio, e da vingança.

Que naõ diria a gente ajuizada,
Se obrar te vira aſſim errado, e louco?
Diria, que eras tal, qual o ſugeito,
Por quem deixar-nos queres ſeccamente;
Pois ſe eſte foi ingrato em conſpirar-ſe

Cor-

Contra o seu proprio amigo, e companheiro,
Tu ingrato es tambem, pois que pertendes
Deixar tantos amigos, tantos socios,
Que ja mais em seus dias te offenderaõ.
Que naõ diria o Mundo se observasse,
Que sendo tu dos Socios primitivos,
Que este Corpo a formar principiaraõ,
E que tens augmentado a sua Gloria
Com assiduas fadigas literarias,
Tentavas hoje, o nome teu manchando,
Deixa-lo, e semear nelle a discordia,
Que n'outro tempo em teus sonoros Versos
Fugir fizeste d' aprazivel margem
Do crystallino Tejo, em ferreo carro
Tirado por horriveis negros monstros
Té ao centro do Baratro profundo.

Que naõ diria o mesmo teu Contrario?
Chêo de presumpçaõ talvez dicesse,
Que a tua retirada era receio
De repetires Versos junto a elle.
Ah! meu prezado Amigo, eu te recordo,
O que o Grande Boileau dizia destes.
Dizia, que mais util lhe era o odio,
E a vil mordacidade de mil Zoilos,
Que sempre os Versos seus calumniávaõ,
Que seu fraco talento, a quem a França
Continuamente dava mil louvores.
Elles sabem livrar-me, elle dizia,
A cada passo de cahir em erros,

E assim de seus malevolos furores
Venho sempre a tirar grande proveito
Cuidadoso evadindo as minhas faltas.

Eis aqui, meu Belmiro, o que tu deves
Obrar tambem como prudente, e sabio.
Deixa embora rosnar Zoilos malditos,
Deixa chover mil Satyras infames;
Que a justa imparcial Posteridade
Lerá os Versos teus chêa de assombro.

E em vez de abandonares esta Arcadia
Como, ingrato Belmiro, projectavas,
De máos dadas c' os seus fieis Alumnos,
Que te estimaõ, que te amaõ, que te adoraõ,
Façamos que ella venha a ser olhada
Com respeito dos Povos do Universo.

Tu meſmo eterno a ti te irás fazendo.

Bernardes Ep. XV. a Ruy Gomes da Grãa.

EPISTOLA. *

SE Eu pudéra do Pindo alto, e frondoſo
Subir, Caldas prezado, ao verde cume;
Se o loiro Febo alli, ſe as Irmãns nove;
Em ſeu fogo divino me accendêraõ;
Se partiſſem comigo a vôz doirada,
Que ſôa pelos ſeculos avante;

Se

* *Ao M. R. Senhor Beneficiado Domingos Caldas Barboza.*

Se taõ mimoſo ſeu, qual he Lereno,
Foſſe o rouco, o raſteiro, o inerte Eurindo;
Quem cuidas tu (reſponde amigo caro)
Que nas fulgentes azas de meus Verſos,
Se ſalvára da morte, e ao Ceo voára?
Sollicito, a fallar te a percebias;
Mas o ſingelo Alcino a maõ tomando,
Deſta arte, em teu lugar, falla, e reſponde:
C^e o famoſo Plutarco a Eſparta fôras,
A Utica, a Cartago, a Roma, a Athenas,
Ou antes, c^e o teu Couto, e c^e o teu Barros,
(Accezas toxas, que entre nós chammejaõ)
Voáras lá, onde queixoſo, e placido,
Entre freſcos palmares corre o Ganges;
Alli, as armas, e os Heróes cantáras,
Que da occidental praia Luſitana.....
Naõ, amigo, a Candura, a Ingenuidade,
Teus Numes naõ ſaõ ſó: Tambem as prézo;
Incenſos tambem queimo em ſeus altares.
De ſonhadas Republicas me rio:
Da Grecia hum ſó momento eu naõ ſahira,
Se todos foſſem Socrates na Grecia:
Mas a barbára, a iniqua, a audáz, a ingrata,
De mentidas virtudes toda ufana,
O claraõ das de Socrates aterra:
Porque ama os Deoſes, porq̃ as Leis adora,
Porque he juſto, ſenſivel, terno, humano,
Porque os vicios combate, he delinquente:
De frigida cicuta o mortal ſucco,

Pe-

Pelas vèas lhe eſpreme a atróz Maldade.
Oh Socrates! oh Socrates! taõ digno
Da vida que te arranca a infame Inveja!
Com ſemblante ſereno, a fatal taça
A bocca pões, impavido, e ſeguro;
Acabas, mas acabas ſem remorſos.
Naõ morre aſſim, por certo, eſſe Alexandre,
Grande chamado por violar ſocegos,
Uſurpar Reinos, arrazar Cidades,
Roubar theſouros, derramar de ſangue,
De ſangue humano laſtimoſos Rios.
Sᵉ iſto he ſer grande, eu quero ſer pequeno;
Nutrir no peito meu, taõ apoucado,
Taõ breve coraçaõ, como a eſtatura.
He impio Coge-Atar, traidor ſe chama,
Porque os filhos defende, o Rei, e a Patria;
Porque a cerviz eſquiva a hum jugo eſtranho;
Porque lhe arde eſpraiar-ſe em Rios de oiro:
E naõ he impia coiza, á ſombra auguſta
Da ſanta Paz, das Portuguezas Quinas,
Badur aſſaſſinado ante o graõ Nuno!
Da creſpa Diu os fortes baluartes,
Dos abyſmos no ſeio, naõ ſei como
De vergonha, e de horror ſe naõ ſumiraõ!
Taes ſaõ meus ſentimentos, tal o affecto,
Que á verdade eu conſagro: infere agora,
Alcino meu, daqui, ſizudo attenta,
Se eu mandaria da Memoria ao Templo,
Taes Gentes, taes acções, taes feitos de armas?

Inda,

Inda, graças aos Ceos, naõ sou Confrade,
Inda naõ levo no infernal contracto,
Dos desvairados, miseros Orátes.
Ferros naõ temo, naõ me assustaõ roncas,
Mas agastar-me sinto ao ver Defuntos.
De parvo, a meu pezar, me trata embora,
Que eu amo a doce paz, e unicamente
As virtudes pacificas me aprazem.
Tu ris, Lereno amado? e cõ o meneio
Dos prespicazes olhos, do semblante,
Como que approvas o pensar de Eurindo?
Se seus Fados lhe dessem que assim fora
Por quaõ ditoso, Eurindo se tivera!
Sei, que o Mal te aborrece, o Bem te enleia;
Que hũm coraçaõ te ha dado o ser supremo,
Onde mil dotes candidos se acolhem.
Eis o porque no numero entrarias,
(Numero assas restricto, allás escasso)
Daquelles que eu contára se soubera.
Naõ cuides que te adulo: hum odio acerbo,
Jurei no berço á perfida lisonja:
Guerra, guerra com ella, a ferro, e fogo,
Quiz sempre, e quero: a mesma alem da morte
Me verás ter cõ a sordida Tolina.
Embora, huma, e mil vezes, generoso,
Da remota Timor na fina Xavena,
Com risonho semblante me apresenta
O recendente perola fumando;
De hum lado em lascas, crystallino assucar,

Que

Que eſcurece ; quᵉ afronta a neve Alpina
Dᵉ outro , a fulva Britanica Manteiga ,
Ampla doirando as providas fatias.
Embora do Londrino alaranjado ,
Feiticeiro pedaço o prato alloje ;
Em fronte , Alentejaõ , bojudo paio ,
Da côr quᵉ os horizontes alcatifa ,
Quando o rubido Sol no Mar ſe banha ;
E em torno mil botelhas requeſtadas ,
Onde jaza ha dois luſtros prizioneiro ,
Do Tejo , e Sado , o balſamo celeſte ,
Que em riſos troca os lividos pezares ;
Ou ao revez (ſeguindo hum rumo oppoſto)
Dura, eterna Abſtinencia o Sceptro empunhe,
Deſpiedado jejum reine em teus lares ;
Sempre o meſmo ſerei franco , ſincero ,
Sempre direi que és unico na rima ;
Que és raro na invençaõ , q̃ és na linguagem
Pulido , e puro , eſcrupuloſo , e vaſto ;
Sempre direi : quᵉ izentos , que ſeguros ,
Sᵉ achaõ teus Verſos,de embrulhar nas tendas,
Figos , adubos , velas , e touſinho ;
Que de imagens viviſſimas , immenſo ,
Radioſo Eſquadraõ prompto a teu mando ,
A hum leve acceno teu batendo as azas ,
Por teu Canto difunde as finas côres ,
Que alheias de ſi meſmas , tranſportadas ,
Torna as ſenſiveis almas que te eſcutaõ.
Que naceſte Poeta , e que incanſavel

C' os preceitos uniſte a natureza.
Que de hum firme caracter te reveſtes;
Que ás Eſtrellas o merito levantas;
Que ſe o Ceo te eſcutára, ſe puderas,
Naõ houvera no Mundo hum diſgraçado:
Sobranceiro ficando a dons taõ grandes,
Entre elles ſendo, em formoſura, e raios,
Qual entre os roſas fulgido brilhante,
Da Gratidaõ o dote ſobre-humano,
Ouvir-me-ás iſto, amigo eternamente,
Tambem me ouvirás ſempre: que a deſpeito
Da magra Detracçaõ, baixa ferina,
Nas azas dos accezos Dythirambos,
Ha-de (Sabio Lereno) o delicado,
O correcto Belmiro eternizar-ſe.
Qu' a deſpeito dos rigidos dictames,
Que auſtero ſegue o ſerio Neptunino;
Dos paſmoſos revezes, com que intenta,
Lançar por terra as plumas, e os toucados,
Os liſtões varios, os brilhantes cintos,
Que tornaõ mais gentil, o gentil ſexo,
Qu' ha-de ſer ſempre o arbitro da Terra;
Lá com tudo ſuſpira o noſſo Hiraclito,
Lá ſente hũ naõ ſei que, q̃ a alma lhe punge,
Quando a roſada Lilia nella emprega,
Com piedoſo volver, raſgados olhos:
Lá ſente hũ naõ ſei que, (naõ ſabe o como)
Ao ver brincar os Zefiros, co' as negras,
Anneladas madeixas da alva Lilia!

Mas

Mas vejo, amavel Caldas, que te enojas
De taõ comprida arenga, e que a ſonora
Lyra tomando, que te affina Apollo,
Vás nella eternizar do graõ Pombeiro,
Da illuſtre Eſpoſa, virtuoſa, e linda,
Os claros Nomes, meritos ſublimes.
Da freſca Bellas os annoſos troncos,
Mover (que aſſombro!) vejo ao ſom divino.
Nas encoſpias me meto: ouço-te, e calo:
Em ſeu cizo, quem ha-de em ſeu acordo,
Arco tomar, abalançar-ſe ao Canto,
Quando o déſtro Gervai aos ares manda
O meigo ſom da harmonica rabeca;
Ou quando ao vento, em rapidos gorgeios,
Solta a magica vôz Caporalini?

Eurindo Nonacrienſe.

SONETO.

Porque me roubas o deſcanço antigo,
Amor, tyranno Amor, falla, reſponde,
Q^e por mais q̃ minha alma inquira, e ſonde,
Culpa naõ vejo para tal caſtigo.

Se frouxo á tempos tuas leis naõ ſigo,
He medo ás fraudes, q̃ teu geſto eſconde:
Dize, inhumano, donde naſce, donde?
Tanto, tanto rigor, que uſas comigo?

Mas Ceos! Marcia gentil teu roubo ampara
Marcia gentil encanto ſem ſegundo
Para meus pulſos laços mil perpara!

Eu entro, eu entro nas prizões jocundo,
Ah! ſe o teu fogo, brando Amor, faltara,
Q^e horror naõ era ſubſiſtir no mundo.

Belmiro Trauſtag.

SO-

SONETO.

SE intentas ſer meu barbaro homecida,
Baſta, Cupido, baſta de tormentos
Tens duras frexas, tens grilhões cruentos,
Ata-me as frouxas máos, rouba-me a vida.

Mas deixa que o meu bem, Marcia querida
Soltar me veja os ultimos alentos:
Naõ ſepares de mim, nem por momentos
Quem tanto enlêa eſta alma enternecida.

Os ais te movaõ, que derramo a eſpaços,
Primeiro raſga o peito meu conſtante
Do que tentes romper taõ firmes laços.

Marcia me aperte no final inſtante,
Qu' antes morrer deſejo entre ſeus braços,
Do que viver dos olhos ſeus diſtante.

Belmiro Tranſtag.

SONETO.

Já matizando os Ceos de vivas côres
Vinha a brilhante Aurora deſtoucada,
E inda ſobre o meu peito fatigada
Laura dormia, Laura os meus amores.

De terna magoa, d' horridos temores
Vejo minha alma a hum tempo ſalteada;
Sinto privar do ſomno á minha amada,
Temo vejaõ, que logro os ſeus favores.

Em quanto pugna em mim ſuſto, e ternura,
Viſtos ſomos d' eſpia vigilante,
Qu' o noſſo affecto deſtruir procura.

Vou-me, deixo o meu bẽ, des-de eſſe inſtante,
Cançados olhos, olhos ſem ventura,
Nunca mais viſtes ſeu gentil ſemblante.

Belmiro Tranſtag.

SO-

SONETO.

RIzonha margem do aprazivel Téjo,
Donde o Ceo me roubou Laura amoroſa
Naõ ſei, que nuvem negra, e pavoroſa
Me cobre o coraçaõ, quando te vejo.

De ſcena atroz, quᵉ em vaõ riſcar deſejo
De minha alma infeliz, terna, e ſaudoſa,
Tu me avivas a imagem laſtimoſa
Rizonha margem do aprazivel Téjo.

Se já findou em ti minha ventura,
Findem tambem meus horridos tormentos;
Da-me em teu ſeio morte, e ſepultura.

Que em tantas magoas, damnos taõ violentos
Deſtina Amor, deſtina a ſorte dura,
Quᵉ onde Laura perdi perca os alentos.

Belmiro Tranſiag.

SO-

SONETO.

NAõ mais Naterciã receoſa vivas
De que ando pezaroſo de adorar-te,
Qu' Amor aos olhos meus ſabe pintar-te
Com gratas côres cada vez mais vivas.

Choroſa ás vezes de te ver me privas,
Porque me incrépaõ d' eſtremoſo amarte,
Q' modeſtia! ah! meu bẽ, naõ ſei moſtrar-te,
Quanto me agradas, quanto me cativas.

Somos dignos de amar, ſem ſuſto amemos;
Quem murmura de ver-me a ti ligado
Embora, Encanto meu, fallar deixemos;

Que ou teus dotes naõ tem inda obſervado;
Ou ſe os obſerva, e culpa os meus eſtremos,
Tem d' hum rochedo o coraçaõ formado.

Belmiro Tranſtag.

MOT.

MOTTE

A doce gloria de viver comtigo.

SONETO.

NAõ ſei, Marcia, naõ ſei que laço forte
Me traz ligado a ti, quᵉ hum ſó inſtante
Me naõ poſſo apartar de teu ſemblante,
Por mais, e mais tormentos, q̃ ſupporte.

O cego errado mundo, a iniqua ſorte
Me vedaõ, quᵉeu te logre em paz conſtante,
Quando o amor, q̃ te abraza o peito amante
Faz, quᵉ eu ſõ deixe de te amar por morte.

Lei do Deſtino, lei ſevera, e dura
Me condemna a ſoffrer o atroz caſtigo,
De tanto vêr turbar noſſa ternura.

Ah! quᵉ infortunio o meu, ſenaõ conſigo,
Antes, meu bem, que chegue á ſepultura,
A doce gloria de viver comtigo.

Belmiro Tranſtag.

EPI-

EPIGRAMMA I. *

Z Oilo mordaz me insulta impaciente,
Mas delle se publica,
Que os máos Poetas louva, e os bons critica.
Se a Apollo tal consente,
Oh Zoilo, ò maldizente,
Naõ sabes naõ depois que te conheço,
Quanto as criticas tuas agradeço.

EPIGRAMMA II. **

O Fogo de teus Versos me exageras,
E logo me asseveras,
Que leves manchas nelles se devizaõ,
Mas eu tenho observado,
Que os Versos todos, que me tens mostrado
Manchas naõ tem, só fogo he que precizaõ.

Belmiro Transtag.

CAN-

---

* *A hum Zoilo.*

** *A hum máo Poeta que dizia, que nos seus Versos algumas pequenas manchas se encontravaõ, mas que em fogo nenhuns lhe excediaõ.*

CANTILENAS
ANACREONTICAS.
DE BELMIRO TRANSTAGANO.

I.

EM quanto o meu Zoilo
Convulſo d' inveja
De longe infeſſante
Me ladra, e moteja.

Eu ſurdo a ſeus eccos
A Lyra pulſando
Meu nome eternizo
De Inalia cantando.

A' baixa lizonja
Louvores naõ urdo,
Nem fofo á vil plebe
Com trovas aturdo.

Erato me empreſta
Armonica Lyra,
E Amor he ſómente
Quem Verſos me inſpira;

Aplauſos mereço
D' Alfeno, e Jacindo;
Elmiro me louva,
E o melico Eurindo.

Inalia mil vezes
Ouvirme procura,
E ao ſom de meu Canto
Se abraza em ternura.

Embora em meus Verſos
Mil ſatyras chôvaõ,
Se Inalia os eſtima,
E os ſábios os louvaõ.

Cantilena II.

O Sol tranſmonta
Celia formoſa
Bordando a eſfera
De côr de roſa.

A furto encreſpa
Zefiro frio
A limpa face
Do manſo rio.

Deſte penedo
N^c agua pendente,
Que d^c altos fetos
Enrama a frente.

Comtigo ao lado
No pego undoſo
As leves redes
Lanço goſtoſo.

As magas vozes
Solta entre tanto,
Alegre os ares,
Teu doce Canto.

Doudo te eſcuto:
Mas que reparo?
Volve teus olhos
Ao rio claro.

Olha em cardume
Virem das grutas
Barbudos Barbos
Manchadas Trutas.

D^c argenteas Bogas,
D^c azuis Fataças,
Chêas levanto
As verdes naças.

Des-de que peſco
Neſte remanço
Naõ tirei Nynfa
Taõ rico lanço.

Mas q̃ me aſſombra?
Tendo-te ao lado
Fôra impoſſivel
Ser deſgraçado.

Cantilena III.

Sonhei que a Fortuna
A mim ſe chegava,
E abrindo ſeus cofres
Pedir me mandava.

Que julgas Inalia,
Que meſmo ſonhando
Pedi fervoroſo
Por ti ſuſpirando.

Prezumes qu^{e} avaro
Ardendo por ouro
D^{e}um Creſſo, ou d^{e}um Midas
Quis ter o theſouro.

Ou cres, qu^{e} implorara
Diadema brilhante,
Qu^{e} imperio me deſſe
No meu ſimilhante.

Ou louco, e ſoberbo
Deixar com váa gloria
Meu buſto no templo
Da fauſta Memoria.

Pois

Pois naõ, meſmo emſonhos
Pedi a ventura
De ver mais ſenſivel
Tua alma á ternura.

Cantilena IV.

As fuſcas azas
Neſta eſpeſſura
Vem deſpregando
A Noite eſcura.

Quebra nas fragas
O Tejo irado,
O Ceo fuzila
Do Sul nublado.

Morno ſilencio
Opprime o ár:
Só rans paluſtres
Se ouvem coaxar.

A tarda Lua
Sobre o Orizonte
Levanta a frouxa
Palida fronte.

Ligeiras nuvens
O Ceo toldando
A luz a eſpaços
Lhe vaõ turbando.

Ah, fea Noite;
Qu' horror profundo
Naõ vens cauſando
No triſte mundo.

Mas ſe hoje afurto
Alguns eſpaços
A minha Inalia
Vir em meus braços.

Manhã rizonha
Hei de chamarte,
E em branca pedra
Farei gravarte.

Cantilena V.

Vendado Nume,
Dá-me ſoccorro,
Que por Inalia
Suſpiro, e morro.

Vingança toma
Da minha ingrata,
O peito fere
De quem me mata.

Por mim ſoluce,
Chame Belmiro
Como por ella
Chamo, e ſuſpiro.

Mas tu de ouvir-me
Zombas ufano?
Tens como Inalia
Peito inhumano?

Dos ais queixozos
Deſte infeliz,
Tambem com ella
Mofas! e ris,

Ah! ſem remedio
Vejo o meu mal:
Pedi ſoccorro
Ao meu rival.

Cantilena VI.

Doce Milcenia,
Meu bem amado;
Quem te motiva
Taõ grande enfado?

Moſtras no geſto
Vivo deſgoſto,
Raivozo pranto
Banha o teu roſto.

Se te pergunto,
Porque te inflammas;
Entre ſuſpiros
Falſo me chamas.

Se exploro a cauſa,
Nada reſpondes,
Co' as máos mimozas
O roſto eſcondes.

Os Ceos bem ſabem
Se te offendi
Só ſe te aggrava
Morrer por ti.

Ja mais perjuro
Violei a fé,
Falte-me a vida,
Se aſſim naõ he.

Deixa, Milcenia,
Zelos vorazes,
Dá-me hoje meſmo
Ou morte, ou pazes.

CANTILENA VII.

Tuas virtudes,
Tirſe facundo,
Saõ com aſſombro
Viſtas no mundo.

Preza a teus pés
A Inercia geme,
Preza a ſoberba
Rabida freme.

Crôaõ-te as Muſas
A eburnea Lyra,
Se as vozes fóltas,
Febo te inſpira.

D' aureas virtudes
Sempre eſcudado
Trazes ao veſgo
Crime açaimado.

Tua alma exornaõ
Mil predicados,
Es amplo abrigo
Dos deſgraçados.

Em fim cantar-te
Melico Tirſe,
Quem poderia
Sem confundirſe.

Mas és taõ raro
Taõ bom Cantor,
Que entoar podes
O teu louvor.

Cantilena VIII.

Caſtiga os ingratos,
Amor desfigura
O lindo ſemblante
De Jonia perjura.

Dos olhos eſpertos
Da côr da çafira
A luz, a viveza,
A graça lhe tira.

Primeiro lhe rouba
As tranças doiradas,
Depois as papoulas
Das faces roſadas.

O collo lhe empana,
As máos lh' étropece,
Deforma-lhe o corpo,
A vôz lh' enrouquece.

Verei ſe entaõ poſſo
Deixar d' adoralla,
Já que me naõ move
Taõ fera encontralla.

Cantilena IX.

Palreira Andorinha,
Q' á volta d'Aurora
Sempre és do meu ſomno
Cruel turbadora.

Naõ baſta q'as Noites
Conſuma charando
De Jonia voluvel
No genio penſando.

Naõ baſta na idéa
Pintar a perjura
Fazendo ludibrio
Da minha ternura.

Cruel, para ſempre,
Q^e ao ſomno me entrego
Piando, quebrares
Meu grato ſocego!

Ah! queira a Diſgraça
Em paga, em caſtigo
Da fera impiedade,
Que tratas comigo.

Q^e rompaõ teu ninho
Mãos corvos infeſtos
Bem como a tyranna
Rompeo mil proteſtos.

Cantilena X.

Se he tido por Nume
O Tracio Cantor,
Por ſer d^e hirtas feras
Feliz domador.

E o Vate de Thebas
O meſmo alcançou,
Porque duras penhas
Cantando abrandou.

Eu ſou mais que Nume,
Eu mais conſegui,
Porque com meu canto
Inalia venci.

Cantilena XI.

Ao tronco d'hũ Cedro
De parras veſtido
C' os pulſos cruzados
Vi prêzo Cupido.

Amor, lhe pergunto,
Quẽ foi q̃ é teus braços
Lançou deſpiedozo
Taõ rigidos laços.

C'os dentes mil vezes
Os nõs remordia,
E as azas batendo
De raiva carpia.

Foi Marcia, foi Marcia
Me diz ſoluçando,
Foi Marcia q̃ ſempre
Me eſtá maltratando.

Os laços lhe quebro
Molhados do pranto,
E pelos bracinhos
Da terra o levanto.

Foi Marcia, que pena,
Lhe torno ás rizadas,
Pois Marcia traveſſa
Tem hoje pancadas.

As louras melenas,
Dos olhos chorozos
Lhe afaſto, e lhe bejo
Os labios mimozos.

Irou-ſe o Fréxeiro
De tal zombaria,
E hum ferro vibrando
Aſſim me dizia:

Tu zombas, humano,
Da minha querela,
Pois como ſuſpiro,
Suſpira por ella.

XII.

PARAPHRASE DO EPIGRAMMA DE MOSCHO

O AMOR LAVRADOR.

Feito Colono
Amor hum dia,
N'um torto arado
Dois bois prendia.

Com lentos paſſos
N'uma alta ſerra,
Junto á rabiça
Arava a terra.

No braço eſquerdo
Tinha enfiado
Alvo ceſtinho
D' azul tramado.

Delle á mão chêa
Veloz tirava
Louras ſementes,
Que ao chaõ lançava.

E em quanto alegre
Iſto exercia
Aos Ceos olhando
Feroz dizia.

Se naõ me outorgas,
Jove potente,
Pingue colheita
Deſta ſemente.

Qual por Europa
Em Boi tornado
Farei que puches
Por eſte arado.

Belmiro Tranſtag.

ODE

Ao grande Affonso de Albuquerque.

O D E.

Sobre as sonoras rutilantes azas
Meus aureos Hymnos, que do Lethes zombaõ,
Hoje, Albuquerque, subiraõ ás nuvens
Teu grande illustre nome.

Das humanas acções árbitro o mundo
Dc inerte, e frouxo austero me accusára,
Se hum eterno padraõ á gloria tua
Meu canto naõ erguera.

Mas donde teu louvor começar devo?
Se huns aos outros progressos se anticipaõ,
Instaõ-me todos, que primeiro os cante,
E a primazia altercaõ.

Prole de Febo sou, e as brandas Musas
Regraõ zelozas meus accentos graves.
Talvez pensasse leviano vulgo,
Que eu decidir-me ousava.

Francas as portas do supremo alcaçar,
Onde á Fama eterniza altas emprezas,
A longa serie de heroismo vejo
Do Luso novo Marte.

Da foz do Tejo lá demanda os mares;
Lá treme o Oriente, lá se espanta o mundo;
Inclito esforço de pavés lhe serve
Contra a desgraça infanda.

Por entre nuvens de enrolado fumo,
Crepitaõ rouxas ponteagudas chammas
Barma, Orfaçaõ, Pangim, Calicut vejo
A cinzas transtornadas.

Pergamo assim, assim Carthago, e Tiro,
Victimas foraõ do voraz Vulcano,
Quando as vaidozas torreadas frontes
Erguiaõ ás esferas.

Tu do vasto Indostan soberbo imporio,
Rebelde Gôa de Bastiões orlada
Provaste vezes duas de Albuquerque
Os bellicos furores.

Do fundo seio dos troantes bronzes
Surge a Morte bramindo envolta em fumo,
Dardeja ás cegas coriscantes globos
Pelouros incendidos.

De victoria em victoria Affonso vôa;
Eu vejo Trisvarí ao jugo atada,
E eis de Aurea Chersoneso a terra bejaõ
Os horidos Cubellos.

Ao ſom terrivel das guerreiras caixas
Da Lufa tropa na brilhante frente
Marcha a victoria de trofeos cuberta
Do grande Affonſo ao lado.

Arabes, Perſas, Coraçones, Rumes,
Mais ao ſeu nome, qu' ao ſeu braço fogem;
Naires faccioſos, Brâmanes ſoberbos
O chaõ co' a plebe alaſtraõ.

A mente ſe me turba, eia ſoccorro,
Cytherides gentis, qu' o brilho ardente
De taõ raras proezas me deslumbra
Os olhos abyſmados.

Onor, Baticalá, Dabul, Cambaia
Moſtraõ no roſto debuxado o ſuſto.
Maſcate, Homiliaõ, Lamo, Queixome
Rójaõ grilhões pezados.

Que horrivel ſcena junto a Ormus contemplo!
Do azul Nereo ſe cobre a creſpa face
De Zambucos, Lancháras, Calaluzes,
De fogo, e ferro armados.

Eis Albuquerque as bravas ondas ſulca,
Arma-ſe, corre, chega, opugna, vence.
No eſquipado Parão ſe furta á Morte
O Coge-Atar doloſo.

Invicto Heróe, teu animo naõ turbaõ
Crueis revezes da voluvel sorte.
Tinge teu sangue com valor golfado
O lar do atroz Ceráme.

Reis de Pegú, Siaõ, Pacem, Maldiva
Supplices olhas a teus pés captivos.
Mais teus progressos qu' os teus dias foraõ,
Devias ser eterno.

Belmiro Transtag.

Ce grand home, cet Albuquerque le grand, aussi heureux eredoutable pendant la guerre, que craint et reveré pendant la paix, fut regreté de plusieurs Princes qui avoient connu sa valeur, et de toutes les Nations, qui avoient eprouvé sa clemence.

Neufille Histoire Generale de Port.
Tom. II. Liv. 8. pag. 466.

ODE

A Belmiro Transtagamo.

O D E.

EM vaõ, cáro Belmiro, em vaõ reſſurgem
Fantaſticos Heróes, que o mundo aſſolaõ,
Das deſertas Cidades ſóbe aos Aſtros
Ondada lavareda.

Do carro triunfal desbaratadas
Aos talhos da Fortuna as rodas ſaltaõ,
Varre a poeira o deſabrido Boreas
Dos ignotos ſepulcros.

Arrancados no ár choquem os montes,
Convertaõ-ſe em coriſcos as eſtrellas,
Os ſoberbos padrões fortes reſiſtem
Da proficua ſciencia.

No regaço da paz, do intonſo Nume
Os arrojados filhos te ſaudaõ
Emtorno boqui-abertos décorando
Teus verſos numeroſos.

Quando pintas Lyeo deſcendo á terra
De vermelhas Donzellas rodeado,
Denſa falangé de brincões Amores,
Raſgando os limpos ares.

Ou na margem da fonte mudo, e quedo
O Fauno amante qu' a Nayáde espreita
O cincero villaõ cos bois tardios
Arroteando a veiga.

Ou embocando a sonorosa tuba
Do pó valentes capitães revocas;
Alvejaõ no Oriente as prenhes gavias;
Do hellicoso Gama.

Nas ribeiras d' Ormus ardendo vàraõ
Arrombados paráos, fustas, galeras;
Na medrosa Cochim alça Pacheco
O guiaõ da victoria.

De balde o genio da cruenta guerra
Do loire ao Ganges o terror difunde
No dourado Pagode as mãos aperta
O Bonzo espavorido.

Nos bosques do Premesso descançando
Repentina desgraça naõ te assusta,
Em pedaços os bronzes se desfazem,
Vivem Delficos louros.

Arfante Galleaõ timido boia,
Entre as ondas azues do manso pego;
E na leve canôa o nú Tapuia
Ridos medonhos austros.

Assim

Assim apos dos Evos nebulosos
Teu nome voará de bocca em bocca;
Os caminhos mostrando de alta gloria
Ao erratico vulgo.

Jacindo Olyssiponense.

A Belmiro Transtagano

Applicando-se aos Estudos Mathematicos, e com especialidade á Astronomia.

O D E.

Honrai, ò Musas, a brilhante scena,
Que o Genio vos prepara:
A agreste cantilena,
A flauta rouca se emudece, e pára.
Sinto cahir do pé o humilde socco,
E que o grave cothurno
Eu calço, quando tóco
A portentosa casa de Sathurno.

Sa-

Sábio Belmiro, cuja vôz celeste
Os ouvidos encanta,
Sim, o teu genio he este,
Que a minha Musa té aos Ceos levanta.

O Tempo naõ fará, q̃ tu te escondas
Na sombria caverna,
Em que Estigias ondas
A imagem mostraõ d'uma Noite eterna.

Cobre teus braços de ligeiras pennas,
E verás ao teu lado
O Amigo de Mecenas,
Que tambem foi em cisne transformado.

Já d'um rápido vôo ao Ceo te lanças,
Medes sua grandeza,
E com a vista alcanças,
Quantos mysterios cobre a Natureza.

Vês rodar junto a ti massas enormes,
E observas nas esferas
Ellas leis uniformes,
Que nossos Pais tiveraõ por chimeras.

Vês dos Planetas movimentos mil
De elliptica atracçaõ,
E que n'um ar subtil
Vaõ rodando atravez do turbilhaõ.

Cada

Cada qual te descobre do seu lado
As opacas entranhas,
E vês hum agregado
De mares; terras firmes, e montanhas.

De Jupiter seguindo a alta carreira
Teu tubo crystallino
Vê de Huygens a poeira,
Ou as pastas de neve de Cassino.

O! Deosa que me inspiras! Tu Minerva,
Que a Belmiro amas tanto,
Hum altar lhe reserva,
Em que receba os cultos do meu canto.

Ao bipartido Monte quando corro,
De subir sinto a pena,
Musas, a meu soccorro,
Honrai, ó Musas, a brilhante scena.

Casidro Lisbonense.

EPISTOLA

PEdes-me, cáro amigo, que te mande
Alguns Versos, que há pouco tenha feito;
Que tens saudades dessas toscas rimas,
Que costuma inspirar-me o negro genio,
Que me guiou ao Pindo, nesses dias,
(Saudosos dias!) da primeira idade.
Que resposta hei-de dar-te, meu Filandro?
A mesma que se dá aos mendicantes,
Que esmolla pedem pelo Deos Supremo;
Aos quaes, quando naõ podem soccorer-se,
Dizemos, que por Deos tambem perdoem.
Perdôa, pelo amor do loiro Apollo,
Perdôa, amigo, agora naõ há troco,
Quero dizer, agora naõ há Versos.
E quando naõ, contenta-te com estes,
Estropeados, máos, sem rima, ou graça,
Quasi rasteira proza, que te escrevo.
Há tempos, que a estrada ja naõ pizo
Dó alcantilado Pindo: da Hypocrene,
Naõ sei ja que sabor as agoas tenhaõ.
Naõ he perguiça, ingratidaõ, ou medo
Quem das Musas me traz taõ retirado.

He

He reſpeito, he decencia. Tu bem ſabes,
Que as Muſas ſempre amei, amo-as ainda.
Mas com que cara, dize, hei-de ir buſca-las,
Rogar-lhes que paſſeem muito airozas
Comigo pelas ruas da Cidade,
Se as vou expôr ao barbaro deſprezo
De Lapões, Hotentots, ou Samoiedas?
Finge tu, qu' eu entrava muito inchado,
Com a formoſa Clio pelo braço,
Na ſoberba aſſembléa, auguſta caſa
D' algum Milord deſtes, que a Fama canta,
Cujos robuſtos hombros já curvaraõ
C' o pezo do barril, fardos, caixões,
E que depois, ſubindo a largos paſſos
Pela entrada do crime, e da avareza
Poude chegar ao Templo da Fortuna.
Elle, e a gorda mulher que vendeo fruta
Preſidem neſta ſabia Academia,
Brilhaõ em roda agaloadas veſtes,
Riſſadas teſtas de cabeças oucas.
As lindas filhas do Milord ſebento,
(Por quem á geraçaõ vem mil venturas,)
Daõ ao circulo tom: ſe ellas approvaõ,
Approvaõ todos: ſe ellas deſapprovaõ,
Todos condemnaõ; ſaõ huns infalliveis
Oraculos do Pai, da Mãi, de todos.
Ora pois, neſta caſa taõ notavel,
Penſa, que eu entro, com a Muſa ao lado?
A curioſidade, que em ſenhoras

He

He dom taõ natural, faz que o rebanho
Dos riſſados, das toucas, e penachos
Queira ſaber, que tal eſtylo, ou graça
A minha Muſa tem, pedem que cante.
Eu, que de improviſar nada percebo,
Puxo pelo caderno, e folhas rantas,
Leio huma Ode altiſonante, auguſta
Aos annos de hum Fidalgo, ou d'huma Freira,
Declamada n'hum tom de Miſſionario.
Alguns, os olhos fixos em mim tendo,
Duvidaõ ſe deliro, ou ſou poſeſſo.
As Madamas, as duas palhetadas,
A cochixar começaõ, e entre dentes
A fallar ſobre huns novos chapellinhos,
Chefe d'obra de Londres, ou de Italia.
Bocejaõ humas, e ſurrim-ſe outras,
Até que eu chego ao fim do meu Poema:
Paro, muito ſuado, e eſcuto attento
Para ver ſe ouço hum *bravo* compaſſivo....
Porém nada de novo: toda a chuſma
Começa a deſdenhar, humas com outras
Da ſem ſabor Poeſia, e dos máos Verſos,
E lidos por papel, ah! que miſeria!
„ Ai mana, que diffrença deſte tollo
(Aquella diz) ao Rimador *Termanio*, *
Qe

* Termanio. O A. deſta Epiſtola pede
enca-

„ Q' huma noite (eu ouvi-o, naõ lhe minto)
„ Quatro horas fallou em Verso sempre.
„ Que lindas quadras! pareciaõ mesmo
„ Dictadas por paixaõ. . . . . E o meu Josino
„ (A outra lhe interrompe) o mêz passado
„ No dia em que fez annos minha Prima
„ Achou-se lá, e fez tanto Soneto,
„ Com mottes, e sem mottes, q̃ mais portas
„ Naõ tem a rua Augusta: Aquillo, mana,
„ Aquillo he que saõ Versos. Taõ depressa
„ O motte se lhe dá, como elle lança
„ Subito pela bocca o seu Soneto!
„ Este, semsaborão! . . . eu dos seus Versos
„ Nada entendi: vejaõ que bellos Versos!
„ E como he incivil, que vem diante
„ De senhoras dizer Versos escuros,
„ Que naõ fallaõ em *settas*, em *saudade*,
„ Em *pyra*, em *corações*, mais em *Cupido*!
„ Em

---

encarecidamente aos seus Leitores, que naõ queirão fazer malignas applicações desta, e das outras pinturas, e caractéres, puramente ideaes, que usou nestes, e nos seguintes Versos, ainda quando encontrem pessoas, que com elle se pareçaõ.

Em quanto assim o amavel, bello Sexo
Contra mim se conjura, de outra parte
Me julgaõ os Milords da Sociedade,
Doutores no famoso Voltarete,
No Baston, e no Whist. Hum diz, mofando,
Que saõ frouxos meus Versos. Outro exclama,
Que disse *Campo raso*, e *branca cara*,
Alma minha, e outras mais cacofonias,
E que devo por tanto ser levado
Com baraço, e pregaõ ao pelourinho
Do sacro Pindo, e alli ser açoitado
Por taõ horrendos crimes. De outra parte
Exclama hum celebre velho, que roncára
Em quanto eu repetia: Meus senhores
„ Gósto mais dos Romances do bom Chagas,
„ Do engraçado Bahia, tempos aureos!
„ Hoje depois que veio o tal Garcaõ,
„ Com seus magicos Versos dar-nos opio,
„ Toda a rapaziada o vai seguindo.
„ Acrosticos naõ há, naõ há Romances,
„ Já tudo se acabou; mas todavia
„ As doutas Collecções de *Vigilancio*
„ Inda lá trazem coizas que se estimem,
„ Romances, e Oitavas jocoserias,
„ E mais..... Velho q̃ diz, q̃ está fallando?
(Lhe diz hum Mathematico profundo,
Que junto delle estava) tudo isso,
„ E tudo isto, e tudo o que saõ Versos
„ Huma alface naõ vale, tudo he nada.

„ Toda

„ Todo o papel em que ſe naõ deſcrevem
„ Linhas, Circulos, Senos, e Tangentes,
„ E as mais figuras da Rainha auguſta,
„ De todas as Sciencias, Geometria,
„ He perdido papel, perdido tempo.
„ Ah naõ, de-me licença (o Velho torna)
„ Rainha das Sciencias ſó chamar-ſe
„ Deve a ſagrada auguſta Theologia.
E ſobre qual devera ſer Rainha
Armaõ huma queſtaõ, que naõ podéraõ
Deſenvolver em mais de vinte mezes.
Junto ao meu lado eſtava hum Petimetre,
Que tinha lido as Odes de Niſſeno,
E as ſabia de cór; e mui ſezudo
Me pergunta, porque eu naõ uſava
De palavras *antigas*, *e compoſtas*,
Que ſempre davaõ tom de magiſterio
A quem ſabia uſa-las.... Meu ſenhor,
Eu fallo a lingua, que hoje fallar ouço;
E em quanto ás palavrinhas de cadea,
Naõ vejo que as uſaſſe o meu Horacio,
Malherbe, nem Roſſeau, nem uſou dellas
Noſſo Meſtre Garçaõ, e o ſábio Elpino.
Entrava neſte tempo pela ſala
O graõ *Gecabo*, Rimador famoſo,
Que mil vezes a ſabia Padaria
Nos devotos Oiteiros de Oratorios,
De carraſco, de malvas, e de ortigas
Alegre caroára: que fallava
Em verſo de ouze ſyllabas, ou oito

Tres horas, quatro horas: cujos verſos
Eraõ o mimo das Peraltas todas,
Por ſeu extremo ardor, pelos tranſportes
Elevados, que ſempre reſpiravaõ.
Gecabo pois, o graõ *Gecabo* novo,
E ſublime Quixote deſtas eras,
Deſpotico Sultaõ da Poeſia,
Que a todos fere, e ſó a ſi perdôa,
Que para paſto dar ao negro genio
Da Satyra malvada que o devóra,
A começa a empregar naquelles meſmos
Generoſos amigos, que o acolhem:
Que antes da bocca quer perder hum dente
Do qu' o fel d'hũ Soneto contra hũ homem:
Eſte convulſo pois, cauſtico genio
Ouvindo que huma Ode eu repetira
Franzio o beiço, enverrugou a teſta,
E ſabio deſta tripode Cumana
Eſte cruel Oraculo, ou ſentença:
„ Diſſe verſos o Franco? pobre moço!
„ Bom rapaz, bom rapaz! porém de verſos
„ Nada peſca coitado! enthuſiaſtou-ſe
„ Co' a ſemſabor Tragedia de *Seſoſtris*,
„(Tragedia, qu' Entremêz chamarei antes)
„ Q' imprimio mui contente, e quér por força
„ Matar a gente com ſeus frouxos verſos.
„ Naõ haverà huma alma caridoſa,
„ Que deſabuſe eſte teimoſo Vatte?
„ Que lhe diga ſe deixe de Poeſia,
„ Que deixe os verſos, de que nada entende,

„ Para

„ Para quem tem hum eſtro como eu tenho,
„ Ardente, inextinguivel, infinito,
„ A que nunca jà mais ſe vio o fundo
„ Em oiteiros, e ſalas de Aſſembléas;
„ E que eſcreva Novenas para os cégos,
„ Entremezes, e Autos ſemſabores;
„ Eu fallo ſem paixaõ: porém naõ ſoffro,
„ Q^e onde eſtou mais ninguem repita verſos;
„ Pois eu ſei de memoria os que hei jà feito,
„ Os que faço, e até meſmo aquelles verſos,
„ Que hei de eſcrever daqui a vinte annos.
„ Os meus verſos ſaõ verſos animados
„ Pelo fogo do amor, e do ciume,
„ Ciume univerſal que me devora.
„ E mais logo o veraõ. Venha jà Motte,
„ Ou colchêa, ou heroico, o que quizerem,
„ Franco que toque a ſua mà Rabeca,
„ Que da Rabeca do Delfim parece
„ Ser filha, ou neta, e que os ouvidos quebra
„ Aquelles diſgraçados, que o eſcutaõ. „

Em quanto aſſim fallava o chá ſe aviſta.
Começa o rancho todo a revolver-ſe,
Os tafuis a ſervir as ſenhoritas;
Sôaõ ſó as palavras coſtumadas,
De *meu Prazer*, *minha Prizaõ*, *meu Tudo*,
Meu filho, *minha Mái*, *minha Ternura*,
E outros mais parenteſco deſte lote,
Que a tolice inventou: sôaõ nos ares

Entre o tinir das chavenas, lustrozas
Senhorias aos pares, que revôaõ
Sobre aquellas cabeças miseraveis,
Que morrem pela doce Senhoria,
Tratamento maldito, que no mundo
Tem causado mais mal, q̃ a Peste, e a Guerra.
A Musa, vendo aquelle rebuliço,
Puxa-me pelo braço, e me aconselha,
Que me vá escoando para a rua
Sem ruido fazer de despedidas.
O seu conselho tomo. Saio, e desço
A's escuras na escada tropeçando;
E ella apenas na rua me vê salvo
Salta comigo, e diz: E's bem pateta!
„ Naõ tornes a levar-me a estas orgias,
„ Que tu chamas polidas Assembléas.
„ Quando comigo conversar quizeres
„ Procura hum verde bosque, hú manso rio,
„ Que solitario corre murmurando
„ (Talvêz destas funções de que sahimos,)
„ E alli na margem sua socegada
„ Cantar ouvindo as aves nos raminhos
„ Te ensinarei os versos, que ensinava
„ A Malherbe, a Garçaõ, ao teu Horacio.
„ Foge do brutal vulgo, vê que Apollo
„ Te póde castigar severamente,
„ Se a sua Arte divina profanáres
„ Com barbaros Ouvintes, com Madamas;
„ Que de amores, e caês sómente entendem.
Assim me falla, e foge desdenhosa

Cor-

Cortando o ár. co^{s} as azas rutilantes.

Aqui do meu diſgoſto tens a cauſa,
E a cauſa porque verſos já naõ faço.
As Muſas temo, temo o ſacro Apollo,
Naõ quero profanar ſua candura.
Quando me ſóbe ao cerebro eſquentado
O Apolineo eſtro, tómo hum livro
D^{e} algum deſſes famoſos Poetaſſos,
Que os grandes Genios amaõ, e reſpeitaõ;
E com elle me enlévo, e me tranſporto.
Toma o conſelho meu, o meſmo fáze;
E nos verſos mais velhos do Univerſo,
Nos Poemas de Homero, acharás Arte,
Genio, e Saber, que poſſaõ recrear-te.

Por Coridon Neptunino
J. F. de A.

CAR-

CARTA

Contra os intrusos Poetas do presente Seculo.

Ao Sr. Belchior Manoel Curvo Semmedo Torres de Siqueira, Fidalgo da Casa de Sua Mageſtade Fideliſſima.

Qui neſcit tamen Verſus audet fingere ....
Horat. Art. Poet. V. 382.

DE donde vem, Belmiro, eſſa mania,
De rimar, que graſſando geralmente,
A noſſa Profiſſaõ nobre injuria?
Tem ſido eſta loucura taõ vehemente,
Taõ geral, que até oiço a cada paſſo
Fallar em trova a mais groſſeira gente. *
Cla-

---

* *A eſta qualidade de trovas dá o Vulgo o nome de Chalaſſas.*

Clama com sem igual desembaraço
N'hum oiteiro hum pedante = Venha Motte,
Heroico, que eu só Verso, heroico faço.
Eisque parte; e embuçado no capote,
Mil narizes de cera revolvendo,
Lá engendra hum Soneto; e de que lote!
Hum Verso á redea solta vai correndo;
Outro hum passo naõ dá por alejado,
Com o motte nenhum conexaõ tendo:
Hum Quarteto com outro mal cazado
Fazem com os Tercetos sem coherencia
De rodilhas hum sujo apontoado.
Falta-me, Amigo, falta-me a paciencia
Vendo palmas bater a hum Motte frio,
Sen ter de Verso ao menos a apparencia.
Querer atravessar hum largo Rio,
N'huma Taboa sem leme, vela, e remos,
Naõ ha maior loucura, e desvario.
Se hum Edificio levantar queremos,
Do fundamento sólido esquecidos,
Hum Edificio vaõ levantaremos.
Assim, Charlatães cegos, e atrevidos,
Naõ devereis de Vate o nome honroso
Do nescio Vulgo aos vivas repetidos.
Naõ consiste n'hum Verso harmonioso
Da Divina Poesia a Magestade;
Pede hum continuo estudo, e o mais copioso:
Pede hum Estro, que espalhe a heroicidade,
E a gloria verdadeira pelo mundo
Nas azas da maior sublimidade.

Pede

Pede em fim hũ engenho alto, e profundo,
Que louve tudo o que louvor merece
Em eſtylo grandi-loquo, e jucundo.
Ah! ſe hum Charlataõ deſtes conheceſſe,
Quanto he raro hum Poeta verdadeiro,
Talvez de nós, e de outros ſ' eſcondeſſe!
Se viſſe as Leis Poeticas primeiro,
Ainda que de paſſagem, fugiria
Até de apparecer em hum oiteiro.
Mas quaõ paſmoſa foi ſempre a ouzadia
D' aquelle que ja mais vio o perigo!
Quanto, ſe o conheceſſe, tremeria!
Deſengano a eſtes neſcios, cáro amigo,
Cada vez mais, e taõ inutilmente,
Que nunca o deſengano ſeu conſigo:
Antes, pelo contrario de repente,
Armados da maior mordacidade,
Vaõ atacar meu nome cruelmente:
Eſte clama, qu' em mim tudo he vaidade:
Por aquelle os meus Verſos ſaõ notados
De ranço, de máo goſto, e de humildade,
Mas temo tanto aquelles loucos brados,
Como o ladrar dos cães temẽo a Lua:
Seráõ baixos meus Verſos, naõ errados.
Apregoem embora pela rua
Os cégos mil papeis de taes Autores;
Qu' envejar ninguem deve a gloria ſua.
Trafiquem eſſes vís contractadores;
Que nunca frias trovas, e Entremezes
Os faráõ dignos de immortaes louvores.

Taõ

Taõ enfadonhas Obras duas vezes
Naõ lerà, quem houver lido algum dia
Os melhores Poetas Portuguezes.
O Sábio Venuzino bem dizia,
Que o combatente neſcio, e ſem deſtreza
Largar as armas marciaes devia *
Com tudo ſem ſaber, ſem natureza,
Nem ſombra de Arte hũ Charlataõ êprehende
A mais dificil litteraria empreza.
Mas de Poeta o nome em vaõ pertende:
Engane embora ao Vulgo com patranhas;
Que ſó honra o louvor de quem entende.
Homero merecêo honras ramanhas,
Porque ſoube cantar perfeitamente
Do Valoroſo Aquilles as Façanhas.
Com elle foi Plataõ ſempre indulgente,
Bem que do ſeu Imperio deſterraſſe
Os mais Poetas, como inutil gente.
Se ao mundo eſte Filoſofo tornaſſe,
E de taes neſcios, chêos de ouſadia
As inſipidas trovas eſcutaſſe,
Da Republica logo os lançaria
A pontapés, e ao menos o caſtigo
De nunca mais fallarem lhes daria.
Mas que coiza ha no mundo, cáro Amigo,
Por má em que naõ ache utilidade
O Sábio diſcorrendo bem comſigo.

No

* *Ludere qui neſcit, campeſtribus abſtinet armis.* Horat. Art. Poet. V. 379.

Entre erros tanto, tanta obſcuridade,
Como a Luz mais nas trevas reſplandece,
Noſſos Verſos teráõ ſublimidade.
Que nos ſaõ favoraveis là parece;
Pois ſe creſce o ſeu cego atrevimento,
A noſſa gloria ainda mais alta creſce.
Mas eu antes quizera deſte intento
Tira-los, ſó por naõ ver condemnada
A Poeſia a hum taõ grande abatimento.
Em Satyras, * em trovas empregada
Quem a vê, clama irado, que jà deve
Ser do Paìz das Letras deſterrada.
Aſſim ſuccederà; pois que ſe attreve
A rimar hum taõ miſero Pedante,
Que nem dè medir Verſos lições teve.
Eſte, além de groſſeiro, e de ignorante,
Aos bons Poetas, que imitar devia,
Fere com vôz mordàz, e petulante,
Mas quanto a minha penna em vaõ profia
Em querer deſterrar inteiramente
Do Luſo Imperio taõ geral mania!
A ti, Belmiro, que és mais eloquente,
Eſta Empreſa encarrego, jà cançado:
Reprehende, e enſina huma taõ neſcia Gente;
Que talvêz ceda ao teu mais doce brado.

Melizeu Cyllenio, Arcad. Luſit.

---

* *Fallo das que tem por objecto peſſoas certas com expreſſa declaraçaõ dos ſeus nomes, a que ſe chama Libellos infamatorios, prohibidas pelas Leis.*

OITAVAS

FEITAS EM OBSEQUIO
DO NASCIMENTO
DO ILLUSTRISSIMO SENHOR
D. JOSE' THOMAS DE MENEZES,
FILHO DO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTIS. SR.
D. RODRIGO JOSE' DE MENEZES,
Governando a Capitania
de Minas Geraes.

Pelo Dr. Ignacio José de Alvarenga.

I.

Barbaros filhos deſtas brenhas duras,
Nunca mais recordeis os males voſſos,
Revolvaõ-ſe no horror das ſepulturas
Dos primeiros Avôs os frios oſſos;
Qu' os Heróes das mais altas cataduras
Principiaõ a ſer Patricios noſſos,
E o voſſo ſangue, que eſta terra enſopa,
Jà produz frutos do melhor da Europa.

II.

II.

Bem que venha a ſemente á terra eſtranha,
Quando produz, com igual força gera;
Nem o forte Leaõ fóra de Heſpanha
A fereza nos filho degenera:
O que o Eſtio n'humas terras ganha,
Em outras vence a freſca Primavera,
E a raça dos Heróes da meſma ſorte
Produz no Sul, o que produz no Norte.

III.

Romulo por ventura foi Romano?
E Roma a quem devêo tanta grandeza?
Naõ era o Grande Henrique Luſitano?
Quem dêo principio a gloria Portugueza?
Que importa que Joſé Americano
Traga a honra, a virtude, e a fortaleza
De altos, e antigos Troncos Portuguezes,
Se he Patricio eſte Ramo dos Menezes.

IV.

Quando algum dia permittir o Fado,
Que elle o mando Real moderar venha,
E que o baſtaõ do Pai com gloria herdado
Do pulſo invicto pendurado tenha;
Qual eſperais que ſeja o ſeu agrado?
Vós exp'rimentareis, como s' empenha
Em louvar eſtas ſerras, eſtes ares,
E venerar goſtozo os Patrios Lares.

V.

Iſto que Europa Barbaria chama
Do ſeio das dilicias taõ diverſo,
Quaõ differente he para quem ama
Os ternos laços de ſeu patrio berſo!
O Paſtor loiro, que o meu peito inflamma;
Darà novos alentos ao meu Verſo,
Para moſtrar do noſſo Heróe na bocca,
Como em grandezas tanto horror ſe troca.

VI.

Aquellas Serras na apparencia feias
Dirà Joſé, oh! quanto ſaõ formoſas!
Ellas conſervaõ nas occultas veias
A força das Potencias Mageſtoſas:
Tem as ricas entranhas todas cheias
De prata, oiro, e pedras precioſas:
Aquellas brutas, e eſcalvadas ſerras
Fazem as pazes, daõ calôr as guerras.

VII.

Aquelles matos negros, e fechados,
Que occupaõ quaſi a Regiaõ dos ares,
Saõ os que em edificios reſpeitados
Repartem raios pelos creſpos mares:
Os Corintios Palacios levantados,
Dos ricos Templos Jonicos Altares,
Saõ obras feitas deſſes lenhos duros,
Filhos deſſes ſertões feios, e eſcuros.

VIII.

A c'rôa de oiro, que na teſta brilha,
E o Sceptro que impunha na maõ juſta
Do auguſto Joſé a Heroica Filha
Noſſa Rainha Soberana Auguſta;
E Lisboa da Europa maravilha,
Cuja riqueza todo o mundo aſſuſta,
Eſtas terras a fazem reſpeitada
Barbara terra, mas abençoada.

IX.

Eſtes homens de varios accidentes
Pardos, e pretos, tintos, e toſtados,
Saõ os eſcravos duros, e valentes
Aos penoſos trabalhos coſtumados:
Elles mudaõ aos rios as correntes,
Raſgaõ as ſerras, tendo ſempre armados
Da pezada alavanca, e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho.

X.

Por ventura, Senhores, póde tanto
O Grande Heróe, que a antiguidade a clama?
Porque aterrou a féra de Hirimanto,
Venceõ a Hydra com o ferro, e chamma!
Ou eſſe, a quem da tuba Grega o canto
Fez digno de immortal, e eterna fama?
Ou ainda o Macedonico Guerreiro,
Que ſoube ſubjugar o mundo inteiro!

XI.

Eu ſó pondero, que eſſa força armada
Debaixo de acertados movimentos,
Foi ſempre huma com outra diſputada
Com fins correſpondentes aos intentos:
Iſto que tem coⁿ a força diſparada
Contra todo o poder dos Elementos?
Que bate a forma da terreſtre Eſfera,
A pezar dⁿ huma vida a mais auſtera.

XII.

Se o juſto, e util pode taõ ſómente
Ser o acertado fim das acções noſſas;
Quaes sⁿ empregaõ, dizei, mais dignamente
As forças deſtes, ou as forças voſſas?
Mandaõ a deſtruir a humana gente
Terriveis Legiões, Armadas groſſas;
Procurar o metal, que acode a tudo,
He deſtes homens o canſado eſtudo.

XIII.

Saõ dignos de attenção... ia dizendo,
A tempo que chegava o Velho honrado,
Que o povo reverente vem benzendo
Do Grande Pedro coⁿ o poder ſagrado,
E jà o noſſo Heróe nos braços tendo
O breve inſtante, em que ficou calado,
De amor em ternas lagrymas desfeito
Eſtas vozes tirou do amante peito.

XIV.

Filho, que assim te chamo, Filho amado;
Bem que hum Tronco Real teu berso enlaça;
Porque fostes por mim regenerado
Nas puras fontes da primeira Graça,
Deves o nascimento ao Pai honrado,
Mas eu de Christo te alistei na praça;
E estas máos por favor de hum Deos Eterno
Te restaurárão do poder do Inferno.

XV.

Amado Filho meu, torna a meus braços,
Permitta o Ceo, que a governar prosigas,
Seguindo sempre de teu pai os passos,
Honrando as suas paternaes fadigas;
Naõ recêes que encontres embaraços,
Aonde quer que o teu destino sigas,
Que elle pizou por todas estas terras
Matos, Rios, Sertões, Morros, e Serras.

XVI.

Valeroso, incansavel, diligente,
No Serviço Real promovêo tudo,
Já nos Paizes do Purî valente,
Já nos Bosques do bruto Buticudo:
Sentirão todos sua mão prudente
Sempre debaixo de acertado estudo;
E quantos virão seu sereno rosto,
Lhe obedecerão por amor, por gosto.

XVII.

Assim confio ; o teu destino seja
Servindo a Patria , e augmentando o Estado ,
Zelando a honra da Romana Igreja ,
Exemplo illustre de teus Pais herdado.
Permita o Ceo , que felizmente veja ,
Quanto espero de ti desempenhado ;
Assim contente acabarei meus dias ,
Tu honrarás as minhas cinzas frias.

XVIII.

Acabou de fallar o honrado Velho ,
Com lagrymas as vozes misturando ,
Ouvio o nosso Heróe o seu conselho :
Novos projectos sobre os seus formando ,
Propagar as Doutrinas do Evangelho ,
Hir os Patricios seus civilizando ,
Augmentar os Thesouros da Reinante ,
Saõ seus disvelos desde aquelle instante.

XIX.

Feliz Governo , queirá o Ceo sagrado ;
Que eu chegue a ver esse ditoso dia ,
Em que nos torne o seculo doirado
Os tempos de Rodrigo , e de Maria ;
Seculo que será sempre lembrado
Nos instantes de gosto , e de alegria ,
Até os tempos , que o destino enserra
De governar José a patria Terra.

FESTAS

NA REAL QUINTA DE QUELUZ,

DESCRIPTAS EM HUMA CARTA DE LERENO SELYNUNTINO

Pois chega a Moda ao Pindo, eu sigo a Mo-
da,
Desfato os Versos das prizões da Rima,
E soltos correráõ mais facilmente
A appresentár-te as mal lançadas linhas
Com que eu emprendo o portentoso quadro
Do sincero prazer, Nacional gloria,
Com qu' aos fieis ditosos Portuguezes
A viçosa Queluz brindou tres Dias.

Para aqui, meu Albano, he qu' eu careço
Do pincel delicado, e finas côres,
De que te serves quando o esmero d' arte
Mostras nas tuas naturaes pinturas.
Mas talvéz do rascunho tirar possas
Coiza qu' a melhor forma reduzida,
C' os toques magistraes, que dar costumas,
Do augusto original mais digna seja.

Eu

Eu mal deſenho os tres formoſos Dias
Q^e o almo Tempo havia preparado
Para offertar ao Principe da Lyſia,
Que o tinha deſtinado ao prazer Luſo.

Vai attento comigo, e penſa hum pouco,
Ao qu^e o Principe amavel os deſtina;
E verás como he digno do alto Imperio,
Que lhe dá ſeu direito, e noſſo goſto.

Já do amor do ſeu Povo perſuadido,
E da gloria, que delle em nós transfunde,
Bem como o convidamos, nos convida
A feſtejar a dadiva celeſte,
Q^e o Ceo dera á Naçaõ, quando lha dera
C^e os Vaſſallos igual neſte intereſſe,
Por quanto o bem do Throno he bem do Povo
Quiz co^e o Povo fiel congratular-ſe.

O Mêz, que vio naſcer o Grande Auguſto,
E que a gloria da Lyſia agora marca,
Nunca nas margens do famoſo Tejo
Apparecêo com dias taõ formoſos.
E nem Porcio, nem Syrio os perturbáraõ
Com o uſado furor raivoſo, e ardente;
Antes benignas nuvens interpoſtas
Entre o Sol, e a Terra moderaraõ
O calor proprio da eſtaçaõ aduſta.

Os furiosos ventos recolhidos
Aᶜ gruta Eolia livres sós deixaraõ,
Dos brincadores Zefiros as chusmas
Mover as folhas, menear os fructos,
E beijar brandamente as tenras flores.

Vê, como se enfeitou a linda Aurora,
Que já vem o primeiro conduzindo;
Escuta, como as aves a saûdaõ:
Sobre as azas das horas estendida
A serena manhã lá vem passando:
Em quanto o Genio tutelar dos Lusos,
Afasta os sonhos, que revôaõ ledos
Entre o Rẽal Joaõ, Real Consorte,
E em meio dos amores, e das graças
Os chama para a pública alegria.

Entraõ primeiro no sagrado Templo,
Eu os vejo, eu os oiço agradecidos
Curvados ante o Throno honrar humildes
Ao que governa a sorte dos Imperios,
E ajuntar sua vôz aos sacros Hymnos
De Amor, de Gratidaõ, e de Fé pura,
Qᵉ os Portuguezes ao seu Deos enviaõ:
Oiço o Ministro da Palavra santa,
Que lhes diz, que nos diz, qual seja o modo
De merecer-mos tanto ao Ceo piedoso,
Qᵉ ouvio, que despachou as nossas preces.

Há

Há tempo para tudo, diz a lenda,
Hà tempo de rezar, de brincar tempo
Sempre foi a Eutrapelia huma virtude.

Aſſim paſſou eſta manhã feſtiva
Devota, mas dévotamente alegre;
Eis ja o dia a declinar começa
E o ſol do ſeu Zenith ja vai deſcendo,
A tarde o lindo roſto deſafronta,
E nos moſtra o prazer qu' inda lhe cabe.

Em larga praça reſſoar ſe eſcutaõ
Os ſonoros clarins, marciaes tymbales,
E os outros inſtrumentos ſempre proprios
Para privar da multidaõ o goſto,
Era o ſignal de que chegava aquelle
De Portugal delicias, e eſperança.

Tu Auguſto Joaõ, tu meſmo ouviſte,
A vôz geral do coraçaõ dos Luſos
Por huma, e muitas vezes explicar-ſe:
Tu viſte c' os reais afaveis olhos,
O modêlo qu' o Mundo hoje carece
De fieis ſervos, de leaes Vaſſallos.

Perdôa, caro Albano, arrebatei-me,
Cuidei qu' o meu bom Principe me ouvia:

Por

Por illuſaõ de amor tenho-o preſente ;
He mais meu, do que teu , eu provo á preſſa:
Do Throno Portuguez he inda herdeiro ,
Mas he Principe ja da Patria minha.

Debuxemos a Praça , ai qu^{e} eu naõ poſſo ,
Cahe-me o lapis da maõ , eu me confundo ,
Nem poſſo figurar quanto alli vejo.

Mentiraõ os Poetas , ſim mentiraõ ,
Albano , naõ ſaõ tres ſómente as graças :
Se ouveſſe hum Paris para dar hum pomo
Em premio da belleza, hoje perplexo ,
Muito mais que o do Ida aqui ſe achara!

Alli eſtavaõ . . . naõ , naõ tas nomeio ,
Que talvez naõ conheces , colhe os votos,
E a maioral de Bellas (vou comtigo ,
E repito o que tu ja propuzeſte :)
He mais bella que Venus , e em virtudes
A^{s} que chamaraõ Deoſas ſei qu^{e} excede.

Eu mal raſcunho a multidaõ daquelles
De Illuſtre nome,e illuſtre ſangue herdeiros,
Netos d^{e} Herôes, q̃ o Reino , e q̃ os dominios
A^{e} cuſta do ſeu ſangue dilataraõ ,
E ao Throno proprio aſſim reſtituiraõ.
Os Auguſtos Avôs de quem o occupa ;
Os que ſervem na paz , na guerra ſervem
A Deos , ao Principe , á Naçaõ inteira

Eſ-

Eſteios proprios a ſuſter o pezo
Da aboboda fatal da Monarchia,
Propria ao abrigo de hum prudente Povo.

Agora os ſemi-circulos qu' eu traço
Saõ para deſenhar o gyro, e as voltas,
Que vem a dar airoſos cavalleiros
No jogo marcial nunca eſquecido
Da Portugueza ardente mocidade.

Dezaſeis airoſiſſimos mancebos
Gyraõ a Praça em voltas concertadas,
Dos ſoberbos ginetes vaõ medidos
Os paſſos na gentil eſcaramuça,
E o freio maſtigando naõ ſe avançaõ
Mais do que quer o cavalleiro deſtro.
A miſtura das côres dos veſtidos,
E das plumas qu' ondeaõ engraçadas,
Fazem o jogo muito mais viſtoſo.

Uſo antigo he dos noſſos o enſaiar-ſe
Neſta guerra de brinco a fera guerra:
Correm-ſe airoſamente as longas lanças,
Corta afiado ferro as leves canas,
Tomaõ-ſe nos broqueis as alcancîas,
E moſtraõ ao ſeu Principe, brincando,
Q' os tem ja promptos, quando forem véras.

Ficaõ no Campo quatro a quem ſe lançaõ
Os bravos animaes das meias luas,

Eis

Eis qu' o toiro feroz solta hum mugido;
E co' a rachada unha rasga a terra;
Curva a cabeça, e furioso parte,
E o destro Cavalleiro esquiva o golpe,
E de tal arte o ferro agudo encrava,
Q' a borbotões despeja o sangue, e a vida.

De pé tambem naõ falta quem se arroje
Ao animal raivoso qu' o procura:
A destreza do pé salva o Capinha,
E a destra forte maõ embebe a espada
No peito d' outro bruto, que cahe morto

A noite parecia que esperava,
Que este guerreiro jogo se acabasse,
Para apagar da luz do dia o resto:
Já começava a desdobrar seu manto
Recamado de nitidas Estrellas
Com qu' ao digno louvor vinha assistir-nos.

Mas que pasmo, ó amigo, o seu seria,
Vendo que a previnirão mãos humanas,
E a arte poude em fim desvanecella?

Parecia, qu' o Ceo na terra estava,
E a clara habitaçaõ do Pai das Luzes
Eu vi no plano de Queluz viçosa:
As Pilastras de luz, de luz cornijas
Plintas, e Capiteis, Bases, e Socos;
Era fonte de luz, a que foi d' agua,

Esta-

Eſtatuas, Pedeſtaes, Arvores, Flores,
De huma materia lucida era tudo.

Muito mais mᵉ enganei, quando de hum vôo
Eu vi ſubir hum Globo álem das Nuvens,
Ao ſom das ajuſtadas harmonias:
Entaõ cuidei que de prazer a impulſos
Os Globos das Eſferas deſatados,
Soltos vagavaõ pelo Ceo, e terra.

Mas acordei em fim do alegre ſonho,
Quando vi paſſeando afaveis gratos,
O Auguſto JOAÕ coᵉ a Auguſta Eſpoſa,
A que os ſervos fieis as maõs beijavaõ.

Vês eſſa Nuvem quᵉ eu deſenho a hum lado,
Os eſtaſis de goſto ahi confundo,
Qᵉ ineſperada honra fez em todos,
E demos eſte dia aſſim por findo,
Porquᵉ eu confeſſo naõ poder com tanto
Temo que a rouca vôz deshonre o Canto.

Ler. Selinunt.

ERRATAS.

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
14	3	Delos? -	Delos !
16	28	nlulem.- -	ululem
28	6	altas - -	átras
42	22	trifulco -	trifulco
46	6	inquitas -	inquietas
51	1	Frandelio -	Frondelio
ibid.	6	ve . - - -	ves
55	1	amores - -	Amores
59	16	fervirme -	firva-me
64	12	Plebo - -	Phebo
71	19	Crande -	Grande
96	25	nella - -	nelle
128	5	Baſton - -	Boſton
129	29	Caroàra -	Coroara
ibid.	30	ouze - -	onze
131	27	parenteſco-	parenteſcos
132	1	chavenas, - luſtrozas	chavenas luſtrozas,
138	1	tanto - -	tantos
140	12	a gloria -	á gloria

ERRATAS.